

**Universidade de Évora - Escola de Artes**

**Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais**

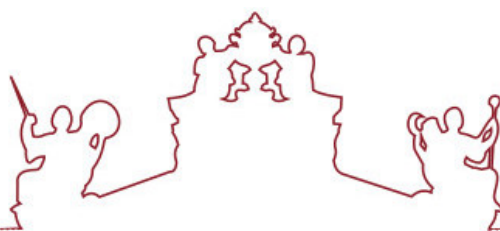
Trabalho de Projeto

**Arte Infantil - Impulsionadora da criatividade de um artista**

**Maria Dordio Castanho**

Orientador(es) | Pedro José Alves Portugal de Andrade  
Teresa Veiga Furtado

Évora 2021



**Universidade de Évora - Escola de Artes**

**Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais**

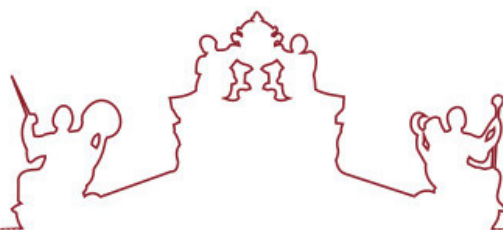
Trabalho de Projeto

**Arte Infantil - Impulsionadora da criatividade de um artista**

**Maria Dordio Castanho**

Orientador(es) | Pedro José Alves Portugal de Andrade  
Teresa Veiga Furtado

Évora 2021



O trabalho de projeto foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Luís Afonso (Universidade de Évora)

Vogais | Paula Maria Vieira Reaes Pinto (Universidade de Évora) (Arguente)  
Pedro José Alves Portugal de Andrade (Universidade de Évora) (Orientador)

## **Agradecimentos**

Após três anos de Licenciatura nesta Muy Ilustre e Nobre Universidade de Évora, candidatei-me a mais um ano e meio de Mestrado. Assim, e em primeiro lugar, compete-me agradecer a toda a comunidade da mesma, professores, auxiliares, técnicos e alunos, e em especial, aos professores, auxiliares e técnicos do polo dos Leões.

Um agradecimento a todos os meus professores, de toda a minha vida escolar e académica, revela-se imprescindível. Bem como a toda a minha família e amigos.

Assim, o meu muito obrigada ao Professor Doutor Pedro Portugal, por ter aceitado o desafio de orientar o meu projeto e por todas as soluções, ideias e sugestões que me apresentou ao longo da execução do mesmo. À Professora Doutora Teresa Furtado e coorientadora deste meu projeto, um obrigada especial por todo o apoio, carinho e persistência para comigo e para com o meu trabalho, um obrigada por todas as palavras de incentivo e por todo o tempo dedicado. Não poderia deixar de agradecer de igual forma à Professora Doutora Paula Reaes Pinto por todos os motivos acima mencionados.

Às minhas professoras do primeiro ciclo, à Professora Emília Mendes e à Professora Mariana Grosa um especial agradecimento pelo papel fulcral desempenhado na minha vida.

O meu muito obrigada ao Agrupamento de Escolas de Sousel, aos professores do mesmo e ao Diretor José Mariano Galveias, por toda a disponibilidade e ajuda prestada para que eu pudesse enriquecer o meu trabalho de Mestrado. Agradeço também, de igual forma, à turma de primeiro e terceiro ano, do ano letivo de 2019/2020 da Escola Básica de Casa Branca e aos pais dos alunos que constituem a mesma, por me possibilitarem a execução da parte mais importante do trabalho aqui apresentado.

Não posso deixar de agradecer ao meu grande amigo e colega Pedro Fernandes por me acompanhar neste percurso e procurar sempre ajudar-me da melhor forma que consegue. Do mesmo modo, agradeço também a outra grande amiga, Beatriz Canivete, por toda a ajuda prestada a nível pessoal e académico.

Agradeço também à minha grande amiga, Helga Candeias, por todos os ensinamentos que trouxe à minha vida pessoal e académica, por todo o apoio, tempo,



carinho, coragem e motivação que me deu. Pela forma como enriquece a minha vida e completa as minhas aprendizagens.

Ainda antes de agradecer aos “patrocinadores”, compete-me agradecer à Professora Isabel Almeida não só pela sua amizade, como também por nunca se negar a ver, ler e opinar sobre os meus trabalhos. Agradeço-lhe assim, pela persistência, paciência, apoio e carinho que tem demonstrado nesta etapa da minha vida e em tantas outras.

Aos meus tios e primos, deixo-lhes gratidão por serem a minha fuga ao stress e ansiedade que este percurso acarreta e por continuarem presentes na minha vida em todos os momentos.

Aos meus avós agradeço-lhes pelo carinho, afeto, sabedoria e conhecimentos partilhados, por todos os ensinamentos que me transmitem diariamente, por me ensinarem a ser alguém mais atenta, cuidadosa, ponderada e dedicada a tudo aquilo a que me comprometo.

Por último e o maior agradecimento de todos, aos meus “patrocinadores”, Pai, Mãe e Mano, muito obrigada por me ensinarem a crescer, por nunca desistirem de mim mesmo que eu às vezes complique muito essa árdua tarefa, por estarem sempre presentes, por me proporcionarem não só viver, como aprender e crescer enquanto pessoa e estudante. Por me mostrarem o lado bom da vida e, o mais importante, muito obrigada por eu ser quem sou hoje. Se sou quem sou, a vós o devo.

## **Resumo**

Este relatório consiste numa investigação artística teórico-prática que tem como questão central investigar o modo como a arte realizada por crianças pode ser impulsionadora da criatividade de um artista nos tempos atuais. Ao longo deste relatório, defendo a existência de uma arte infantil, e enfatizo o seu papel fulcral e inspirador para muitos artistas ao longo da história de arte, em particular desde os anos 1910 até à atualidade, e para a minha própria prática artística.

Destaco artistas expressionistas como Wassily Kandinsky (Rússia, 1886-1944) e Paul Klee (Suíça, 1879-1940), que desenvolveram uma arte que explorou a dimensão humana poética e lírica, e a arte bruta de Jean Dubuffet (França, 1901-1985), isenta de quaisquer referências culturais ou artísticas. Em Portugal, salienta-se o importante trabalho de Joaquim Rodrigo (Portugal, 1912-1997). Na atualidade destaco o Grupo Matizes Dumont, um grupo formado por uma família proveniente de Pirapora, Minas Gerais, Brasil, que se dedica há mais de trinta anos às artes visuais, utilizando o bordado espontâneo, feito à mão, como linguagem artística.

No referente ao meu processo criativo, o trabalho resultante de uma oficina artística de ilustração de um poema, orientada por mim com alunos de primeiro ciclo da Escola Básica de Casa Branca, serviu de inspiração para um conjunto de trabalhos artísticos que desenvolvi. Nos meus trabalhos, exploro de modo exaustivo as formas criadas pelas crianças.

**Palavras-chave:** Arte Infantil; Arte bruta; Criatividade; Bordado; Padrões.

## **Abstract**

### Children's Art – Boosting an artist's creativity

This report consists of a theoretical-practical artistic investigation that has as its central question how art made by children can be an impetus for the creativity of an artist today. Throughout this report, I refer to the existence of children's art, and emphasize its pivotal and inspiring role for many artists throughout art history, particularly from the 1910s to the present.

I highlight expressionists such as Wassily Kandinsky (Russia, 1886-1944) and Paul Klee (Switzerland, 1879-1940), who developed an art that explored the poetic and lyrical human dimension, or the gross art of Jean Dubuffet (France, 1901-1985), exempt from any cultural or artistic references. In Portugal, the important work of Joaquim Rodrigo (Portugal, 1912-1997) is highlighted. Currently, I highlight the Matizes Dumont Group, a group formed by a family from Pirapora, Minas Gerais, Brazil, which has dedicated itself for more than thirty years to the visual arts, using spontaneous embroidery, made by hand, as an artistic language.

With regard to my creative process, the work resulting from an artistic workshop of illustration of a poem, guided by me with first cycle students of the Basic School of Casa Branca, served as inspiration for a set of artistic works that I developed. In my work, I thoroughly explore the forms created by children.

**Keywords:** Children's Art; Gross art; Creativity; Embroidery; Standards.

## Índice Geral

<i>Índice Geral</i> .....	8
<i>Índice de Imagens</i> .....	9
<i>Introdução</i> .....	15
<i>Capítulo 1. Estado da Arte</i> .....	20
<i>Capítulo 2. Metodologia criativa</i> .....	25
<i>Capítulo 3. Série I – Sonhar para Criar</i> .....	32
<i>Capítulo 4. Série II - Do Outro Lado da Lua</i> .....	35
<i>Capítulo 5. Série III - A Imperfeição de Viver</i> .....	38
<i>Capítulo 6. Série IV - A Casa da Árvore</i> .....	41
<i>Capítulo 7. Série V - O Adormecer de Uma Estrela</i> .....	44
<i>Capítulo 8. Série VI - A Estrela Parou de Brilhar</i> .....	47
<i>Capítulo 9. Série VII - A Casa Voou</i> .....	50
<i>Capítulo 10. Série VIII - A Lua Procura o Menino</i> .....	53
<i>Capítulo 11. Série IX - O Céu Aprendeu a Voar</i> .....	56
<i>Capítulo 12. Série X - O Menino da Natureza</i> .....	59
<i>Capítulo 13. Série XI - O Pior Lado da Lua</i> .....	62
<i>Capítulo 14. Série XII - A Estrela Foge do Céu</i> .....	65
<i>Capítulo 15. Série XIII - Viver</i> .....	68
<i>Capítulo 16. Série XIV - Voar</i> .....	71
<i>Capítulo 17. Série XV - Almofadas que contam histórias</i> .....	74
<i>Considerações Finais</i> .....	79
<i>Referências Bibliográficas</i> .....	81
<i>Anexos</i> .....	85

## Índice de Imagens

Fig. 1- Dubuffet, <i>It flute on the bump</i> , França, 1947. [S.T], [S.D], [SCOL].....	19
Fig. 2 - Dubuffet, <i>Madame Mouche</i> , França, 1945. [S.T], [S.D], [SCOL].....	19
Fig. 3 – Rodrigo, <i>Praia do Vau</i> , Portugal, 1982. Têmpera sobre tela, 95x120, Museu Calouste Gulbenkian.....	20
Fig. 4 – Rodrigo, <i>A Rua II</i> , Portugal, 1982, Têmpera sobre tela. [S.D], [SCOL].....	20
Fig. 5 – Dumont, <i>Encantamento</i> , Brasil, 2020. Bordado, 30x45, Brincadeiras-Crianças.....	21
Fig. 6 – Kandinsky, <i>Composição IV</i> , Dusseldorf, 1911. Óleo sobre tela, 159,5x250,5, Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen.....	22
Fig. 7 – Klee, <i>Temple Gardens</i> , Suíça, 1920. Guache sobre papel, 23,8x30,2, The Berggruen Klee Collection.....	22
Fig. 8 – Castanho, <i>Escola de Casa Branca</i> , Portugal 2020. Fotografia, 251x167.....	23
Fig. 9 – Pedro Prates, <i>todos poderão ter casa</i> , Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.....	25
Fig. 10 – António Monteiro, <i>todos poderão ter asas</i> , Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.....	25
Fig. 11 – Contança Simões, <i>que a natureza poderá respirar</i> , Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.....	25
Fig. 12 – Matilde Farinha, <i>todos poderão dormir em paz</i> , Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.....	25
Fig. 13 – Matilde Terceira, <i>o mundo irá melhorar</i> , Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.....	25
Fig. 14 – Madalena Paulino, <i>todos poderão ser felizes</i> , Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.....	25
Fig. 15 – Tatiana Maduro, <i>que os oceanos deixarão de sufocar</i> , Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.....	25
Fig. 16 – Pedro Prates, <i>todos poderão ter casa</i> , Portugal, 2020. Assemblage, 21x29,7.....	26
Fig. 17 – António Monteiro, <i>todos poderão ter asas</i> , Portugal, 2020. Assemblage, 21x29,7.....	26

Fig. 18 – Constança Simões, <i>que a natureza poderá respirar</i> , Portugal, 2020. <i>Assemblage</i> , 21x29,7.....	26
Fig. 19 – Matilde Farinha, <i>todos poderão dormir em paz</i> , Portugal, 2020. <i>Assemblage</i> , 21x29,7.....	26
Fig. 20 – Tatiana Maduro, <i>que os oceanos deixarão de sufocar</i> , Portugal, 2020. <i>Assemblage</i> , 21x29,7.....	26
Fig. 21 – Matilde Terceira, <i>o mundo irá melhorar</i> , Portugal, 2020. <i>Assemblage</i> , 21x29,7.....	27
Fig. 22 – Madalena Paulino, <i>todos poderão ser felizes</i> , Madalena Portugal, 2020. <i>Assemblage</i> , 21x29,7.....	27
Fig. 23 – Castanho, <i>Dicionário</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	27
Fig. 24 - Castanho, <i>O Impulso</i> , Portugal, 2020. Acrílico sobre papel, 21x29,7.....	28
Fig. 25 - Castanho, <i>Despertar</i> , Portugal, 2020. Acrílico sobre papel, 21x29,7.....	29
Fig. 26 – Castanho, <i>Sonhar para Criar</i> , Portugal, 2020. Caneta preta sobre papel, 21x29,7.....	30
Fig. 27 – Castanho, 3 de <i>Sonhar Para Criar</i> , Portugal, 2020. Caneta sobre papel, 21x29.....	31
Fig. 28 – Castanho, 4 de <i>Sonhar Para Criar</i> , Portugal, 2020. Caneta sobre papel, 21x29,7.....	31
Fig. 29 - Lourdes de Castro, <i>Ananás Tropical</i> , Portugal, 1970, [S.T], [S.D], [SCOL].....	32
Fig. 30 – Castanho, <i>Do Outro Lado da Lua</i> , Portugal, 2020. <i>Assemblage</i> , 21x29,7.....	33
Fig. 31 – Castanho, 1 <i>Do Outro Lado da Lua</i> , Portugal, 2020. <i>Assemblage</i> , 21x29,7.....	34
Fig. 32 – Castanho, 2 <i>Do Outro Lado da Lua</i> , Portugal, 2020. <i>Assemblage</i> , 21x29,7.....	34
Fig. 33 – Munari, <i>na noite escura</i> , Milão, 1962. Livro, 21x29,7, [SCOL].....	35
Fig. 34 – Castanho, <i>A Imperfeição de Viver</i> , Portugal, 2020. Caneta sobre papel, 21x29,7.....	36
Fig. 35 – Castanho, 2 <i>A Imperfeição de Viver</i> , Portugal, 2020. Caneta sobre papel, 21x29,7.....	37
Fig. 36 – Castanho, 1 <i>A Imperfeição de Viver</i> , Portugal, 2020. Caneta sobre papel, 21x29,7.....	37

Fig. 37 – Dubuffet, <i>echec au crops II</i> , França, 1984. Acrílico sobre papel, 67x100, [SCOL].....	38
Fig. 38 - Castanho, <i>A Casa da Árvore</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	39
Fig. 39 - Castanho, <i>2 A Casa da Árvore</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7. ....	40
Fig. 40 - Castanho, <i>1 A Casa da Árvore</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7. ....	40
Fig. 41 – Dubuffet, <i>Mire G96</i> , França, 1983, [S.T], [S.D], The Pace Gallery.....	41
Fig. 42 – Castanho, <i>O Adormecer de Uma Estrela</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	42
Fig. 43 – Castanho, <i>2 O Adormecer de Uma Estrela</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	43
Fig. 44 – Rodrigo, <i>Trás-os-Montes</i> , Portugal, 1964. Têmpera sobre tela, 122x91, Museu Calouste Gulbenkian.....	44
Fig. 45 – Rodrigo, <i>Soria-Nimes</i> , Portugal, 1971. Tinta Acrílica, 179x127, Museu Calouste Gulbenkian.....	44
Fig. 46 – Castanho, <i>A Estrela Parou de Brilhar</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	45
Fig. 47 – Castanho, <i>3 A Estrela Parou de Brilhar</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	46
Fig. 48 – Castanho, <i>2 A Estrela Parou de Brilhar</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	46
Fig. 49 – Dubuffet, <i>Comings and goings</i> , França, 1965. [S.T], [S.D], [SCOL].....	47
Fig. 50 – Castanho, <i>A Casa Voou</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	48
Fig. 51 – Castanho, <i>3 A Casa Voou</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	49
Fig. 52 – Castanho, <i>2 A Casa Voou</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	49
Fig. 53 – Castro, <i>Ref.1</i> , Portugal, 1985. Serigrafia, 80x60, Edição 200.....	50
Fig. 54 – Castanho, <i>A Lua Procura o Menino</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	51
Fig. 55 – Castanho, <i>1 A Lua Procura o Menino</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	52

Fig. 56 - Kandinsky, <i>Improvisation Gorge</i> , Munique, 1914. Óleo sobre tela, [S.D], The Stadtische Galerie im Lenbachhaus.....	53
Fig. 57 – Castanho, <i>O Céu Aprendeu a Voar</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	54
Fig. 58 – Castanho, 3 <i>O Céu Aprendeu a Voar</i> , Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.....	55
Fig. 59 – Klee, <i>Mountain Village</i> , Suíça,1934. Óleo sobre tela, 54,4x71,5, Museum Sammlung Rosengart, Luzern.....	56
Fig. 60 – Castanho, <i>O Menino da Natureza</i> , Portugal, 2020. Gravura aditiva, 50x70.....	57
Fig. 61 – Castanho, 3 <i>O Menino da Natureza</i> , Portugal, 2020. Gravura aditiva, 50x70.....	58
Fig. 62 – Castanho, 2 <i>O Menino da Natureza</i> , Portugal, 2020. Gravura aditiva, 50x70. ....	58
Fig. 63 – Dumont, <i>Exercício de ser criança</i> , Brasil. Bordado, 50x35, Lançamentos 2020.....	59
Fig. 64 – Castanho, <i>O Pior Lado da Lua</i> , Portugal 2020. Técnica mista, 50x70.....	60
Fig. 65 – Castanho, 2 <i>O Pior Lado da Lua</i> , Portugal 2020. Técnica mista, 50x70.....	61
Fig. 66 – Castanho, 1 <i>O Pior Lado da Lua</i> , Portugal 2020. Técnica mista, 50x70.....	61
Fig. 67 – Kandinsky, <i>Composição VII</i> , Moscovo, 1913. Óleo sobre tela, 200x300, Galeria Tretyakov, Moscovo.....	62
Fig. 68 – Castanho, <i>A Estrela Foge do Céu</i> , Portugal, 2020. Gravura aditiva, 50x70.....	63
Fig. 69 – Castanho, 3 <i>A Estrela Foge do Céu</i> , Portugal, 2020. Gravura aditiva, 50x70.....	64
Fig. 70 – Castanho, 6 <i>A Estrela Foge do Céu</i> , Portugal, 2020. Gravura aditiva, 50x70.....	64
Fig. 71 – Dumont, <i>Meninos no balanço</i> , Brasil, 2020. Bordado, 35x30, Coração em Paz.....	65
Fig. 72 – Castanho, <i>Viver</i> , Portugal, 2020. Fotografia, 20x20.....	66
Fig. 73 – Castanho, 1 <i>Viver</i> , Portugal, 2020. Fotografia, 20x20.....	67



<i>Fig. 74 – Castanho, 3 Viver, Portugal, 2020. Fotografia, 20x20.....</i>	<i>67</i>
<i>Fig. 75 – Castro, Sombras à volta de um centro, Portugal, 1960. [S.T], [S.D], Coleção Serralves.....</i>	<i>68</i>
<i>Fig. 76 – Castanho, Voar, Portugal, 2020. Fotografia, 20x20.....</i>	<i>69</i>
<i>Fig. 77 – Castanho, 3 Voar, Portugal, 2020. Fotografia, 20x20.....</i>	<i>70</i>
<i>Fig. 78 – Castanho, 4 Voar, Portugal, 2020. Fotografia, 20x20.....</i>	<i>70</i>
<i>Fig. 79 – Castro, Teatro de Sombras, Portugal, 1970. Teatro.....</i>	<i>71</i>
<i>Fig.80 – Castanho, Processo de Pensar, Portugal, 2020. Costura e bordado livre. 50x30x10.....</i>	<i>72</i>
<i>Fig.81 – Castanho, Processo de Observar, Portugal, 2020. Costura e bordado livre. 40x60x20.....</i>	<i>73</i>
<i>Fig.82 – Castanho, Processo de Voar, Portugal, 2020. Costura e bordado livre. 70x40x20.....</i>	<i>73</i>
<i>Fig.83 – Castanho, Pensar, Portugal, 2020. Costura e bordado livre. 50x30x10.....</i>	<i>74</i>
<i>Fig.84 – Castanho, Observar, Portugal, 2020. Costura e bordado livre. 40x60x20.....</i>	<i>75</i>
<i>Fig.85 – Castanho, Voar, Portugal, 2020. Costura e bordado livre. 70x40x20.....</i>	<i>76</i>
<i>Fig.86 – Canivete, Ilustração 1, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>83</i>
<i>Fig.87 – Canivete, Ilustração 2, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>84</i>
<i>Fig.88 – Canivete, Ilustração 3, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>85</i>
<i>Fig.89 – Canivete, Ilustração 4, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>86</i>
<i>Fig.90 – Canivete, Ilustração 5, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7 .....</i>	<i>87</i>
<i>Fig.91 – Canivete, Ilustração 6, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>88</i>
<i>Fig.92 – Canivete, Ilustração 7, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>89</i>
<i>Fig.93 – Canivete, Ilustração 8, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>90</i>
<i>Fig.94 – Canivete, Ilustração 9, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>91</i>
<i>Fig.95 – Canivete, Ilustração 10, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>93</i>
<i>Fig.96 – Canivete, Ilustração 11, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>94</i>
<i>Fig.97 – Canivete, Ilustração 12, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>95</i>

<i>Fig.98 – Canivete, Ilustração 13, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>97</i>
<i>Fig.99 – Canivete, Ilustração 14, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>98</i>
<i>Fig.100 – Canivete, Ilustração 15, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>99</i>
<i>Fig.101 – Canivete, Ilustração 16, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>100</i>
<i>Fig.102 – Canivete, Ilustração 17, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>102</i>
<i>Fig.103 – Castanho, Ilustração 1, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>103</i>
<i>Fig.104 – Castanho, Ilustração 2, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>104</i>
<i>Fig.105 – Castanho, Ilustração 3, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>105</i>
<i>Fig.106 – Castanho, Ilustração 4, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>106</i>
<i>Fig.107 – Castanho, Ilustração 5, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>107</i>
<i>Fig.108 – Castanho, Ilustração 6, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>108</i>
<i>Fig.109 – Castanho, Ilustração 7, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>109</i>
<i>Fig.110 – Castanho, Ilustração 8, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>110</i>
<i>Fig.111 – Castanho, Ilustração 9, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>111</i>
<i>Fig.112 – Castanho, Ilustração 10, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7.....</i>	<i>113</i>

## Introdução

No início do Curso de Mestrado de Práticas Artísticas em Artes Visuais eu tinha a certeza de que queria fazer referência à importância das práticas artísticas no ensino e que queria trabalhar com e para crianças.

Como um trabalho desta índole não se restringe a pensamentos e vontades, surgiu-me a oportunidade de desenvolver trabalhos com uma turma de primeiro ciclo da escola básica de Casa Branca, pertencente ao agrupamento de Escolas de Sousel. Este agrupamento é o mesmo que me acolheu enquanto aluna desde a pré-primária até ao nono ano de escolaridade, e a escola de Casa Branca é a escola onde a minha mãe, Maria Guilhermina Manilha Dordio Castanho leciona. Assim, decidi voltar a aprender, a investigar e estudar na escola com as pessoas e os sítios, onde e com quem cresci e me tornei na pessoa, aluna e filha que sou hoje.

Posto isto, desenvolvi trabalhos com as crianças, tendo como questão central investigar de que modo é que a arte facilita a aprendizagem e o conhecimento. No decorrer dessa pesquisa, várias questões secundárias se impuseram, como:

- De que forma é que as práticas artísticas podem ajudar a transmitir determinados conhecimentos de forma mais apelativa?
- Como é que através das artes é possível aprender a ler, a escrever, a fazer contas?
- Até que ponto é que através das artes nos é possível aprender e registar sem esquecer a arte portuguesa?

Contudo, devido à pandemia da Covid-19, regredi no meu trabalho até aos pensamentos e vontades novamente. Só não fazia ideia de que esse período terrível para o mundo fosse um período bastante frutífero para o meu projeto, no sentido em que foi um período que me permitiu ir para além das minhas vontades, permitiu-me experimentar e dar oportunidade a novas ideias, a novos trabalhos, a novas experiências.

Foi nessa altura, na altura do confinamento, que desenvolvi a grande maioria das séries que neste relatório apresento. E foi, também, quando decidi que o objetivo principal deste trabalho de investigação é pesquisar o papel da arte infantil como inspiração de artistas ao longo da história da arte. Nomeadamente linguagem pictórica alicerçada num conjunto de conceitos, e de um imaginário provenientes da infância. Para tal, defini como objetivos específicos investigar a capacidade de interpretação e criação de um determinado grupo de crianças, compreender e interpretar o pensamento infantil e explorar a arte infantil.

Através desta investigação pretendi estimular a minha criatividade e consolidar e fundamentar a minha prática artística. Pretendi analisar o imaginário infantil e aplicá-lo na minha prática artística, explorar as mais diversas formas de arte a partir de trabalhos desenvolvidos com crianças e enaltecer o papel fulcral das mesmas como inspiradoras do mundo da arte.

Assim, no “Capítulo 1. Estado da Arte” tentei contextualizar as minhas obras no mundo das artes visuais, pesquisando de forma exaustiva, artistas e obras que se assemelhassem ao meu trabalho artístico. Fazendo referência a Jean Dubuffet, a Joaquim Rodrigo, ao grupo Matizes Dumont, a Wassily Kandinsky e a Paul Klee. Refiro também obras dos mesmos e de que forma é que estas me inspiraram, qual o significado e a influência das mesmas para o meu trabalho.

No “Capítulo 2. Metodologia Criativa” explico, de forma resumida, os primeiros passos dados para todo o trabalho desenvolvido e descrevo a forma como trabalhei com aquelas crianças, referindo os anos de escolaridade das mesmas. Apresento o poema e a forma como foi trabalhado, concluindo que este capítulo pode ser conotado com a passagem do trabalho de grupo (eu e as crianças) para uma pesquisa individual. É neste capítulo que o projecto de investigação se torna mais meu, nunca esquecendo que as formas presentes são fruto dos alunos.

Desde o capítulo 3 até ao capítulo 16 apresento as séries de obras desenvolvidas por mim, sendo que: umas são compostas por imagens digitais; outras são fotografias que resultam do recorte e colagem de papel de jornal,

papel branco e papel de alumínio; outras são fotografias de esboços feitos a caneta, tendo como suporte papel e, por último; outras são o resultado de fotografias de pormenores de gravuras aditivas. Assim, após dois capítulos de breve explicação quanto ao meu projeto, é no terceiro capítulo – Série I – Sonhar – onde surge então o meu trabalho propriamente dito. Neste, eu apresento uma das minhas experiências mais precoces, daí o título “Sonhar”, nenhuma viagem, aventura ou trabalho se faz sem antes se sonhar. Depois de sonhar, começamos então a descobrir novos horizontes, isto é, e neste caso concreto, novas formas de aproveitar o que temos. Assim, surgiu o quarto capítulo – Série II – Do outro Lado da Lua – uma série que me permitiu explorar as formas inerentes ao meu trabalho de modo a que as mesmas se explorassem entre elas. Assim, atesto o sonho e a experiência, como fases iniciais e cruciais de e para qualquer percurso.

No quinto capítulo – Série III - A Imperfeição de Viver – surge então a imperfeição de nem tudo correr da forma como é sonhado, e neste caso aconteceu. Contudo, confesso que o perfeccionismo não me cativa, contrariamente a tudo o que não é perfeito. E foi por isso que decidi incluir esta e tantas outras séries no meu projeto.

De modo a não tornar a nossa viagem tão monótona, optei por incluir alguns capítulos que me remetem para histórias infantis, mundos imaginários e o que qualquer pessoa que veja, queira. Eles são: o sexto capítulo – Série IV - A Casa da Árvore – onde apresento um tríptico digital que me transporta ao interior de um tronco de uma árvore e a tudo o que dentro dele poderá acontecer. Devo confessar que, explorando a minha criatividade a níveis altos, consigo imaginar a confusão de insetos que, eventualmente, habitam este hipotético tronco; o sétimo capítulo – Série V - O Adormecer de Uma Estrela – remete para uma criatividade estagnada, para uma fase deste projeto onde as ideias se repetiam ou eram muito idênticas. Contudo, qualquer que seja a série, semelhante ou não às anteriores, todas elas me transportam a mundos imaginários. Após a criatividade estagnar e pensando eu que não podia desaparecer, surgiram então o oitavo capítulo – Série VI - A Estrela Parou de Brilhar e o nono capítulo – série VII – A Casa Voou – ambos aludem à total perda de criatividade e à persistência necessária para recuperar a mesma.

O décimo capítulo – Série VIII – A Lua, e o décimo primeiro capítulo – Série IX – O Céu – são capítulos que, de acordo com o título, apelam à esperança. De acordo com o conteúdo transportam-me novamente a possíveis mundos imaginários e é, deste modo, que a nossa viagem recomeça.

Assim, tomei a liberdade de começar pela infância e pela simplicidade. Fi-lo através do décimo segundo capítulo – Série X – O Menino – onde utilizei pormenores de uma gravura aditiva como cenário principal. Não querendo apenas aludir ao lado bom de uma viagem, que pode ou não ser conotada com a vida, criei o décimo terceiro capítulo – Série XI – O Pior Lado da Lua – uma técnica mista resultante de gravura aditiva e tinta da china, que revela um lado artístico mais próprio. Esta série, conoto-a então com uma fase má imprescindível ao crescimento pessoal, profissional ou artístico. Isto é, uma fase de desgaste, monotonia e repetição, é uma fase crucial e impulsionadora do êxito e do sucesso. E assim nasce o décimo quarto capítulo – Série XII - A Estrela Foge do Céu – aludindo à necessidade de arriscar para se fazer arte.

De modo a fechar as séries bidimensionais, surgiu o décimo quinto capítulo – Série XIII – Viver - e o décimo sexto capítulo – Série XIV – Voar – ambos nos revelam as ferramentas chave para a vida – Viver e Voar.

O décimo sétimo capítulo – Série XV – Almofadas que contam histórias – é o nosso último destino nesta viagem, é a viagem à tridimensionalidade, é o compilar de todas as experiências anteriores e resulta através de almofadas com formas específicas, acompanhadas de uma história infantil.





## Capítulo 1. Estado da Arte

O estado da arte deste trabalho consiste nas obras e pensamentos de artistas que tratam temas como a arte infantil e que têm como base para o seu trabalho, as formas e eventuais padrões criados através das mesmas.

Ao longo desta investigação recorro ao artista Jean Dubuffet (1901-1985, França), pintor Francês e um pioneiro na teoria da arte bruta, saliento então a obra *It flute on the bump* (1947) e *Madame Mouche* (1945), remetendo-me estas para o trabalho que desenvolvi com as crianças e para o processo de recolha de formas do mesmo.



Fig. 1- Dubuffet, *It flute on the bump*, França, 1947. [S.T], [S.D], [SCOL].



Fig. 2 - Dubuffet, *Madame Mouche*, França, 1945. [S.T], [S.D], [SCOL].

Foi no ano de 1948 que Jean Dubuffet criou a “Companhia da Arte Bruta”, era deste modo que o artista caracterizava não só a sua arte, como também, a arte criada por crianças e por pessoas sem formação artística. Recolhia potencialidades expressivas de formas produzidas de modo a salientar o primitivo, concernindo assim um caráter ingénuo e infantil às suas obras.



A criança desenha para se exprimir, sendo os seus desenhos uma exteriorização de um impulso. Resultam assim duas vertentes da criação infantil, em primeiro lugar o acto criador com o seu valor educativo; secundariamente, a obra criada como valor estético. (RIBEIRO, 2011, P.7).

Outro artista ao qual é pertinente recorrer, é Joaquim Rodrigo (1912-1997, Portugal) que, a partir da década de sessenta do séc. XX, procurou representar o real através de uma linguagem simbólica própria. Uma característica muito presente nos trabalhos do artista é a paleta de cores utilizada nas suas obras, os “tons terra”, os diferentes tons de castanho, verde e vermelhos, cores estas que se encontram muito presentes no meu trabalho prático. Saliento assim, as suas obras “Praia do Vau” (1982) e “A Rua II” (1988).



Fig. 3 – Rodrigo, *Praia do Vau*, Portugal, 1982. Têmpera sobre tela, 95x120, Museu Calouste Gulbenkian.



Fig. 4 – Rodrigo, *A Rua II*, Portugal, 1982, Têmpera sobre tela. [S.D], [SCOL].

Joaquim Rodrigo, através da sua pintura figurativa, revelava o seu lado crítico quanto a temas como a política e a sociedade e desenvolvia pinturas itinerário, isto é, mapas de viagem. Esses mapas resultam da acumulação de fragmentos de memórias e experiências do artista, representados através de símbolos, formas e palavras.

Outra grande referência para o meu trabalho é o Grupo Matizes Dumont, este é formado por artistas da mesma família, sendo Antônia Zulma, a mestra da arte de bordar, e a sua impulsionadora. O grupo é constituído pelas suas filhas, os seus filhos e as suas netas, consistindo o seu trabalho na ilustração de livros e histórias através de bordados. Destaco assim, um painel bordado intitulado “Encantamento” pelas suas cores e distribuição das formas.



Fig. 5 – Dumont, *Encantamento*, Brasil, 2020.  
Bordado, 30x45, Brincadeiras-Crianças.

As obras do Grupo Matizes Dumont são desenvolvidas através da técnica de bordado livre. Algumas remetem para a religião e para a infância, outras são ilustrações de livros e outras são agrupadas de modo a criar um painel.

Bruno Munari (1907- 1998, Itália) foi um artista e designer que investigou e tratou a infância e a criatividade. Foi no ano de 1930 que o artista produziu e projetou objetos-livro de modo a que as crianças experimentassem o livro de forma diferente. Isto é, um livro é para ser visto, para ser lido, para ser olhado, e

o que Munari faz, é criar livros não só para serem olhados mas também tocados, que apelem não só à visão, mas também ao tacto. Fá-lo através de livros compostos por diversos materiais com diferentes tipos de textura. Fá-lo através de livros sem princípio nem fim, que podem ser explorados sem qualquer regra.

Por último, recorro a Wassily Kandinsky (1886- 1944, Moscovo) e Paul Klee (1879-1940, Suíça), ambos pintores que através das suas obras e por vezes, através de uma perspectiva infantil, revelam as suas crenças pessoais e os seus sentimentos.

O próprio Schonberg, numa carta a Kandinsky, escreveu:

A Arte pertence ao inconsciente. É nós-mesmos que a devemos exprimir (...) Não (se trata de) exprimir o próprio gesto, a educação, a inteligência o que se conhece ou o que se sabe fazer. Nenhuma destas qualidades adquiridas, mas as qualidades instintivas, inatas.” (Fróis, Gonçalves, Marques, 2002, p. 98).

Utilizo então como referência, a “Composição IV” (1911) de Kandinsky, e saliento o peculiar título (“Composição”) que enaltece a ligação do pintor à música e a comparação que este faz entre a mesma e a pintura. Segundo Lu Dias, servidora municipal na Fundação Municipal de Cultura em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil e considerando a paixão que Kandinsky tinha pela época medieval russa, esta obra pode ser intitulada de “Batalha” e nela é possível avistar num lado dois cossacos (povo das estepes do sudeste da Europa, reconhecido sobretudo, pela sua bravura, valentia e coragem) à luta e algumas lanças, representando assim o lado esquerdo da obra, o lado do “conflito”. Contudo, ainda de acordo com Lu Dias, o lado direito da obra representa o lado “pacífico” através de duas silhuetas abraçadas num ato de amor e de duas outras silhuetas no cimo da montanha a observarem esta cena. Assim, a servidora conclui que a dualidade é uma característica presente nas obras do artista.

(DIAS, 2014)



E, igualmente, adopto como referência, da autoria de Paul Klee, a obra “Temple Gardens” (1920) pela sua composição labiríntica.



Fig. 6 – Kandinsky, *Composição IV*, Dusseldorf, 1911. Óleo sobre tela, 159,5x250,5, Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen.



Fig. 7 – Klee, *Temple Gardens*, Suíça, 1920. Guache sobre papel, 23,8x30,2, The Berggruen Klee Collection.

“A cor é o teclado, os olhos são as teclas, a alma é o piano com muitas cordas. O artista é a mão que toca, tocando uma tecla ou outra, para causar vibrações na alma.” (Kandinsky, 1911, p.32)

Klee foi um pintor associado ao expressionismo, cubismo, futurismo, surrealismo e abstracionismo, contudo, o artista não poderia ser associado a um só estilo, pois ele possuía tendências artísticas muito próprias e extremamente criativas. Klee utilizava os mais diversos materiais e as mais diversas combinações entre os mesmos. Utiliza diferentes cores e formas geométricas, combinava diferentes figuras, desde figuras de animais a símbolos. Utilizava a sua arte de modo a exprimir a irregularidade do seu humor, a sua instabilidade emocional.

## Capítulo 2. Metodologia criativa

A turma de crianças com as quais trabalhei, da Escola Básica de Casa Branca, era composta por alunos de primeiro e terceiro anos de escolaridade e foi nessa altura que comecei a trabalhar de forma prática e objetiva no meu trabalho.



*Fig. 8 – Castanho, Escola de Casa Branca, Portugal 2020.  
Fotografia, 251x167.*

Comecei por pedir aos alunos que lessem o poema o seguinte poema, da autoria dos alunos da Escola Básica de Casa Branca:

“Eu tenho um sonho

Eu tenho um sonho...

...que um dia

o mundo irá melhorar,

que a natureza poderá respirar,

que os oceanos deixarão de sufocar.

Eu tenho um sonho

...que uma noite  
todos poderão dormir em paz,  
todos poderão dormir aquecidos,  
todos poderão fugir às coisas más.

Eu tenho um sonho...  
...que um dia  
todos poderão ter casas,  
todos poderão ser felizes,  
todos poderão ter asas...  
Todos poderemos sonhar!”

Rita Porto. Ilustração

Escola Básica de Casa Branca – CB2. Autores

Agrupamento de Escolas de Sousel

Seguidamente, pedi-lhes que o interpretassem e que cada um ilustrasse um verso do mesmo. O objetivo foi eu registar esses momentos de trabalho com eles através de vídeo e fotografia, para mais tarde culminar todos esses registos numa videoarte. Foi também, mostrar-lhes que a arte nos ajuda a olhar de outra forma para os estímulos exteriores e a compreendê-los e reagir aos mesmos de forma mais clara.



Fig. 9 – Pedro Prates, *todos poderão ter casa*, Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.



Fig. 10 – António Monteiro, *todos poderão ter asas*, Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.



Fig. 11 – Constança Simões, *que a natureza poderá respirar*, Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.



Fig. 13 – Matilde Terceira, *o mundo irá melhorar*, Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.



Fig. 15 – Tatiana Maduro, *que os oceanos deixarão de sufocar*, Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.



Fig. 12 – Matilde Farinha, *todos poderão dormir em paz*, Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.



Fig. 14 – Madalena Paulino, *todos poderão ser felizes*, Portugal, 2020. Lápis de cor sobre papel, 21x29,7.



Posteriormente, solicitei-lhes que do desenho passassem para a cartolina e o recorte, com o intuito de criar pequenos cenários que representariam o mundo de cada aluno e que através da videoarte fosse possível levar o observador a viajar nesse pequeno mundo. Assim a arte seria um fio condutor para a identidade de cada criança, através desse fio condutor e dessa arte a perspectiva da criança sobre aquele verso tornava-se visível e perceptível.



Fig. 16 – Pedro Prates, *todos poderão ter casa, Portugal, 2020. Assemblage, 21x29,7.*



Fig. 17 – António Monteiro, *todos poderão ter asas, Portugal, 2020. Assemblage, 21x29,7.*



Fig. 18 – Constança Simões, *que a natureza poderá respirar, Portugal, 2020. Assemblage, 21x29,7.*

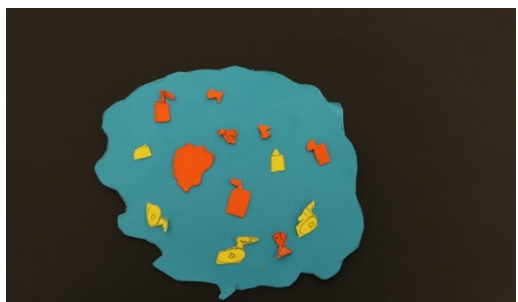


Fig. 20 – Tatiana Maduro, *que os oceanos deixarão de sufocar, Portugal, 2020. Assemblage, 21x29,7.*



Fig. 19 – Matilde Farinha, *todos poderão dormir em paz, Portugal, 2020. Assemblage, 21x29,7.*





Fig. 21 – Matilde Terceira, *o mundo irá melhorar*, Portugal, 2020. Assemblage, 21x29,7.



Fig. 22 – Madalena Paulino, *todos poderão ser felizes*, Madalena Portugal, 2020. Assemblage, 21x29,7.

Assim, e de modo a não desperdiçar o trabalho desenvolvido com as crianças, comecei a retirar formas presentes nos mesmos, retirei todas as formas que não fossem as formas de um círculo, quadrado, retângulo ou triângulo, retirei-as digitalmente e cataloguei-as como se de produtos regionais se tratassem, cada uma delas teria um significado implícito decidido em conformidade com o que a criança quisesse representar, mas como estava na altura do meu trabalho se tornar um pouco mais meu também, optei por dar esses significados às formas também segundo o que elas me transmitem.

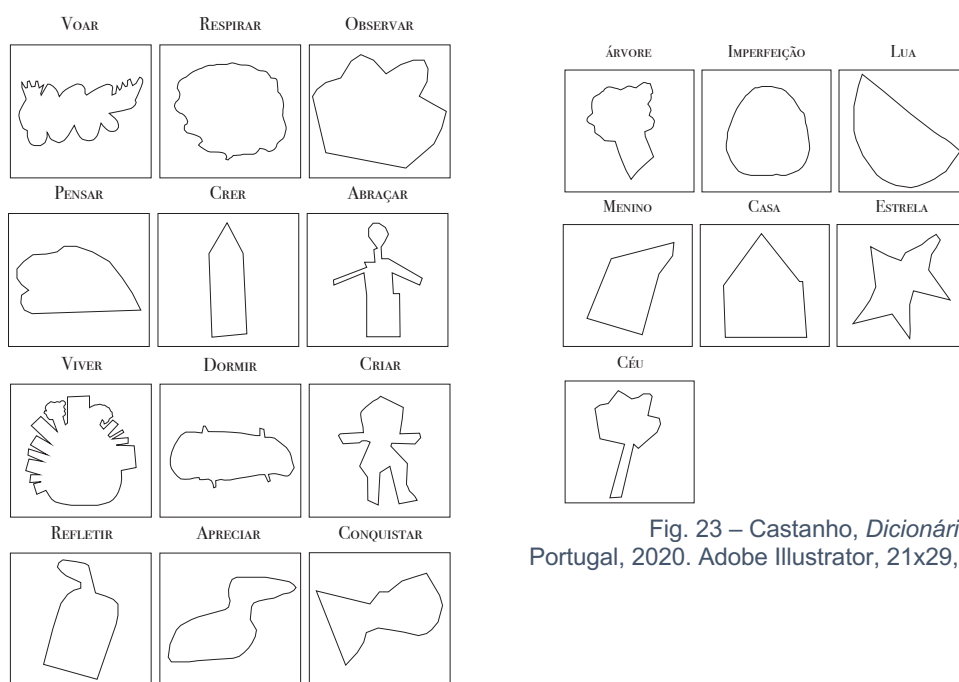


Fig. 23 – Castanho, *Dicionário*, Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.

Nesse momento, as questões que se levantaram foram relativamente ao modo como eu poderia utilizar aquelas formas de modo inovador e aprazível ao olhar. Foi então que, decidi criar imagens digitais, imagens que contassem uma história quando acompanhadas pelo “dicionário das formas”.

Uma obra de arte não é apenas um jogo de formas e de cores, tornando-se meramente decorativa. É também uma obra expressiva, porque exterioriza as inquietações mais profundas da natureza humana. Mesmo quando se parte de um tema previamente definido, o seu conteúdo pode ser alterado pela forma resultante da prática de quem executa. Ao ser materializada, a ideia inicial ressurgue transformada, podendo, por vezes, desencadear novas ideias. A isso, chama-se criatividade. (Rodrigues, ano, p. 14-15).



Fig. 24 - Castanho, *O Impulso*, Portugal, 2020.  
Acrílico sobre papel, 21x29,7.





Fig. 25 - Castanho, *Despertar*, Portugal, 2020.  
Acrílico sobre papel, 21x29,7.

### Capítulo 3. *Série I – Sonhar para Criar*

Assim criei a minha primeira série – “Série I – Sonhar para Criar”, esta série foi feita apenas com papel e caneta, é um livro feito de folhas brancas de tamanho A4 dobradas ao meio, onde estão representadas todas as formas retiradas dos trabalhos das crianças. A colocação dessa forma foi pensada de modo a criar um jogo entre os espaços positivo e negativo, um jogo de puzzle e remeter para as sombras que mais tarde vos irei mostrar. O título “Sonhar para Criar” foi escolhido não só a pensar nos significados previamente atribuídos, mas, também, a pensar que esta série foi o primeiro passo para todo o trabalho que desenvolvi até ao fim do meu Mestrado. De facto, defendo que é necessário sonhar para criar, para mais tarde materializar alguma ideia ou pensamento.

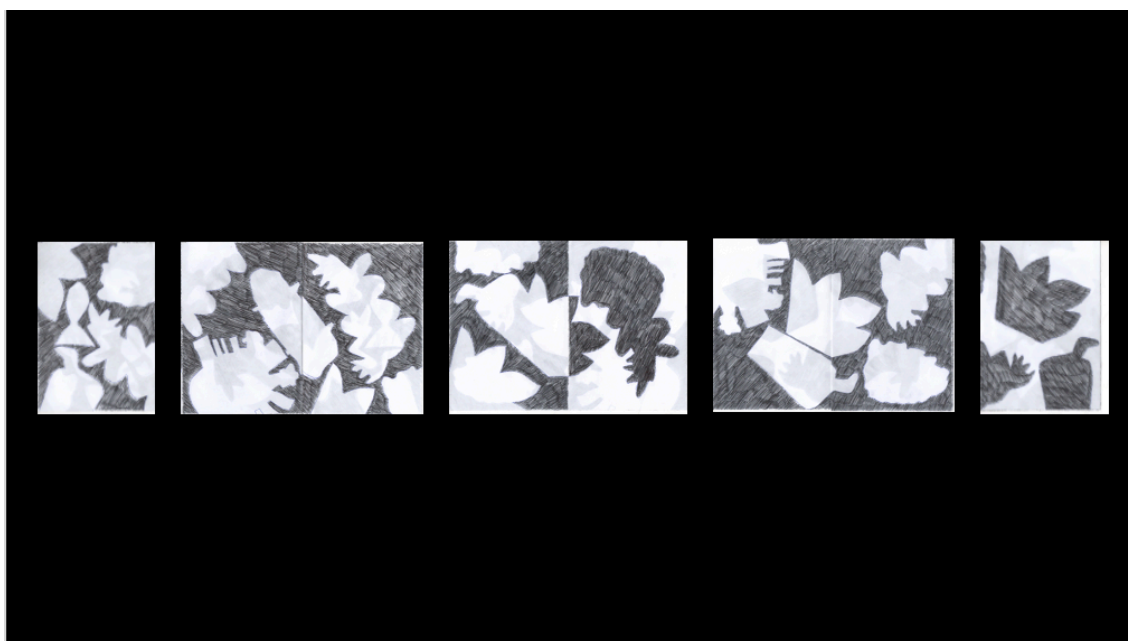
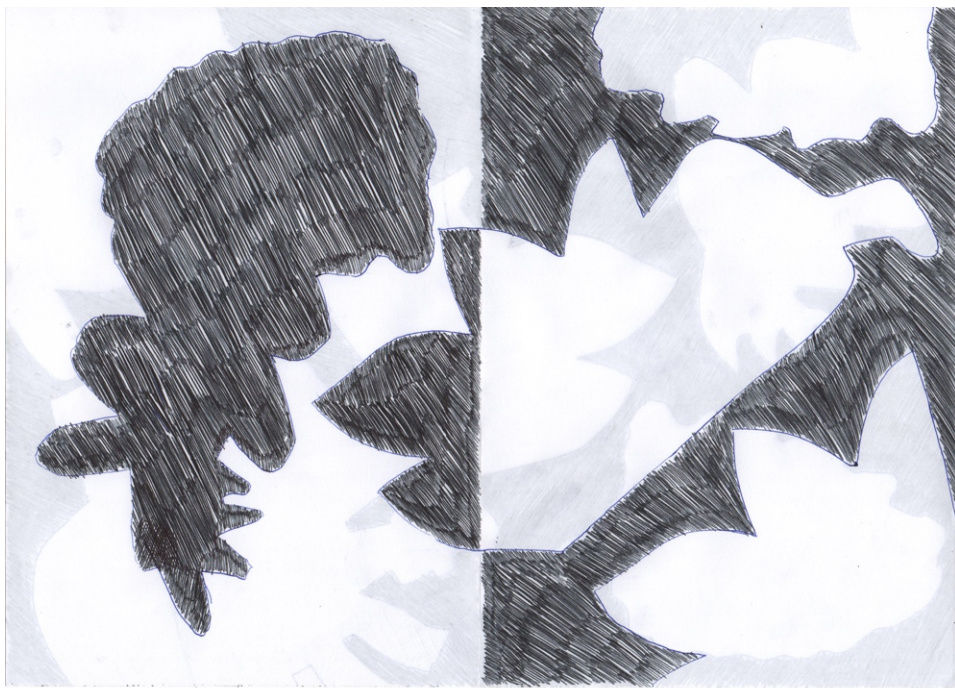
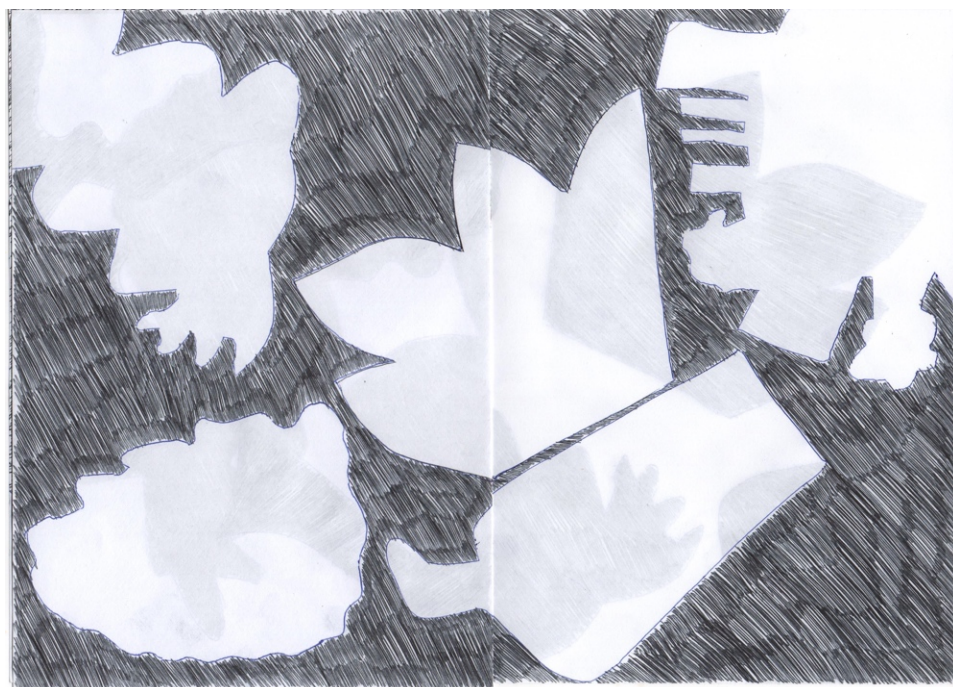


Fig. 26 – Castanho, *Sonhar para Criar*, Portugal, 2020.  
Caneta preta sobre papel, 21x29,7.





*Fig. 27 – Castanho, 3 de Sonhar Para Criar, Portugal, 2020.  
Caneta sobre papel, 21x29,7*



*Fig. 28 – Castanho, 4 de Sonhar Para Criar, Portugal, 2020.  
Caneta sobre papel, 21x29,7*

Para esta série utilizei como referência o trabalho da artista plástica Lourdes de Castro (Portugal, 1930), que a partir do ano de 1964 começou a explorar a silhueta e a serigrafia, e, mais tarde, no ano de 1965, a explorar as sombras e a encenação com sobras. Assim destaco a obra “Ananás Tropical” (1970) devido ao modo como as formas implícitas nesta obra se sobrepõem e como umas se tornam mais acentuadas que outras.



Fig. 29 - Lourdes de Castro, *Ananás Tropical*, Portugal, 1970.  
[S.T], [S.D], [SCOL].

## Capítulo 4. Série II - Do Outro Lado da Lua

Para a “Série II – Do Outro Lado da Lua” utilizei papel branco simples, papel de alumínio, papel de jornal, cartolina preta e cola. Esta série é proveniente dum livro de recortes, cada página do mesmo, para além de revestida com qualquer um dos tipos de papel anteriormente mencionados, também contem um recorte com cada uma das formas retiradas dos trabalhos das crianças. O nome escolhido deve-se ao facto de que ao folhear o livro, todas as outras páginas e formas são aparentemente visíveis, isto é, não é possível ver todas as outras páginas e formas na totalidade, mas sim, partes das mesmas.

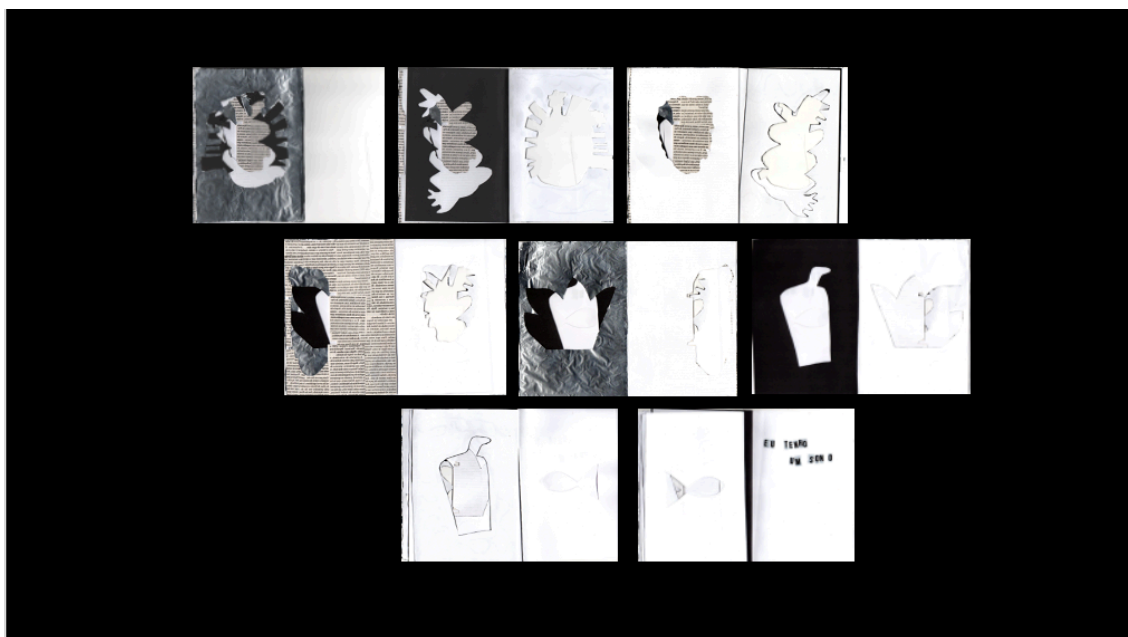


Fig. 30 – Castanho, *Do Outro Lado da Lua*, Portugal, 2020.  
Assemblage, 21x29,7.





Fig. 31 – Castanho, 1 *Do Outro Lado da Lua*, Portugal, 2020.  
Assemblage, 21x29,7.

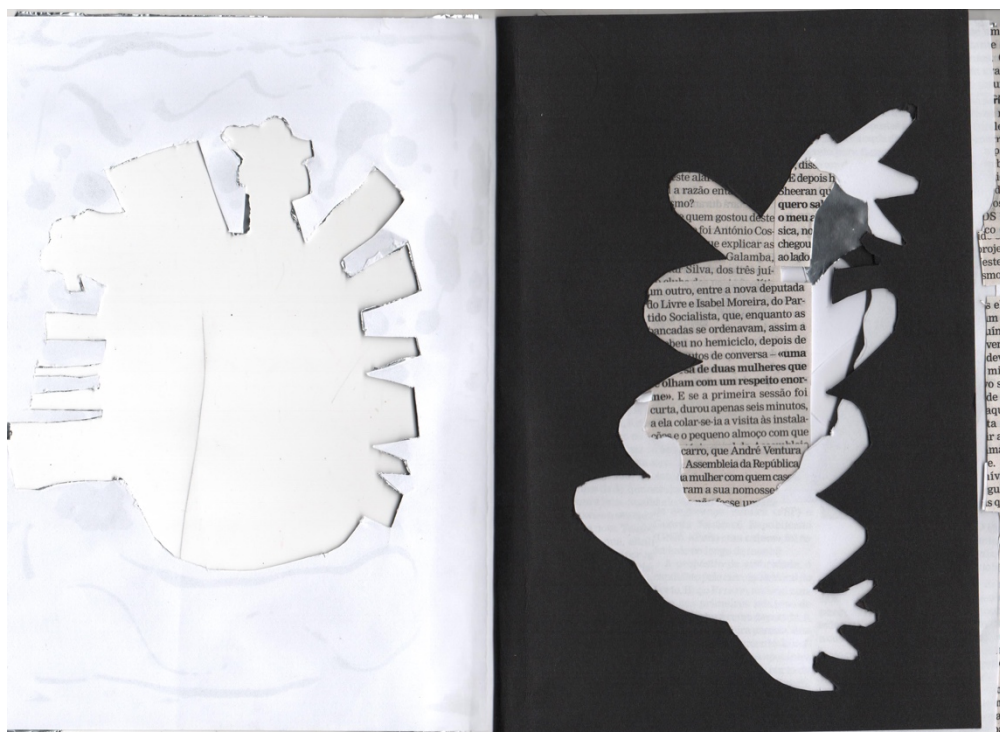


Fig. 32 – Castanho, 2 *Do Outro Lado da Lua*, Portugal, 2020.  
Assemblage, 21x29,7.



Esta série foi inspirada no livro “na noite escura” (1962) de Bruno Munari (Milão, 1907-1998), artista e designer italiano que no ano de 1988 desenvolveu o conceito de livro ilegível e de pré livro de modo a incentivar as crianças a experimentarem o livro de forma diferente. De modo a quebrar a ideia comum de que um livro deve ser apenas visto ou lido, alterou o formato das páginas e aproveitou as diferentes texturas utilizadas para apelar ao tato do leitor.



Fig. 33 – Munari, *na noite escura*, Milão, 1962.  
Livro, 21x29,7, [SCOL].

## Capítulo 5. Série III - A Imperfeição de Viver

A “Série III – A Imperfeição de Viver”, é uma série de três desenhos, dois dos quais feitos a caneta sobre papel branco e outro feito a lápis de cor sobre o mesmo suporte dos anteriores. A “Imperfeição de Viver” remete para um período precoce do intelecto do ser humano, para a fase crua implícita em qualquer projeto ou trabalho, para a fase inicial e material de uma obra de arte.



Fig. 34 – Castanho, *A Imperfeição de Viver*, Portugal, 2020.  
Caneta sobre papel, 21x29,7.

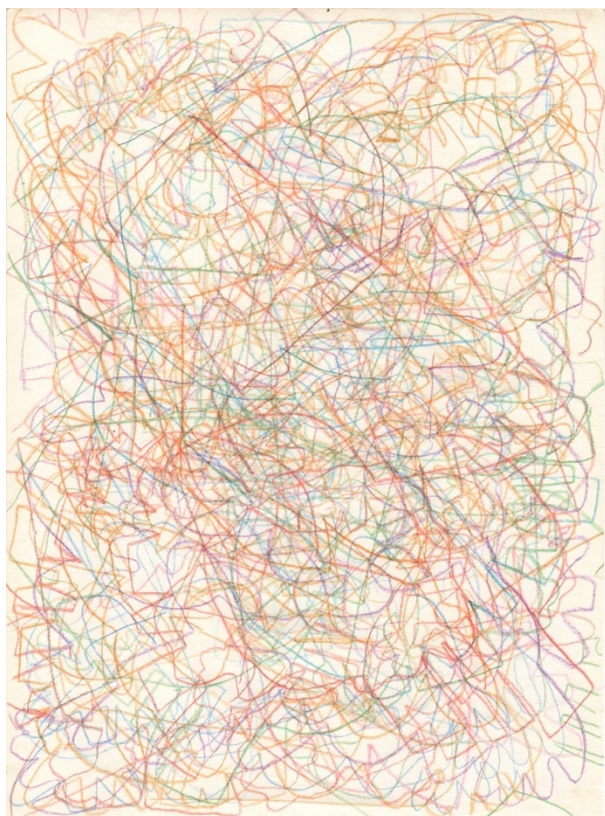


Fig. 35 – Castanho, 2 *A Imperfeição de Viver*, Portugal, 2020. Caneta sobre papel, 21x29,7.



Fig. 36 – Castanho, 1 *A Imperfeição de Viver*, Portugal, 2020. Caneta sobre papel, 21x29,7.



Conoto esta série com a obra “Echec au crops II” (1984), da autoria do artista Jean Dubuffet pintor francês e teórico da arte bruta. Utilizo esta obra como referência devido à sobreposição de traços e, consequentemente, à abstração das formas, eventualmente, aqui presentes.



Fig. 37 – Dubuffet, *echec au crops II*, França, 1984.  
Acrílico sobre papel, 67x100, [SCOL].

## Capítulo 6. Série IV - A Casa da Árvore

A “Série IV – A Casa da Árvore”, é uma série digital, feita através do programa Adobe Illustrator. Esta série é composta por três imagens digitais, todas elas compostas pela sobreposição do contorno de formas, transmitindo a sensação de movimento através da translação das mesmas. É nesta fase do meu projeto que os “tons terra” (verde, castanho, cor de laranja, bege, entre outros) começam a surgir e através dos quais o meu pensamento começa a desenvolver-se e guiar-se.

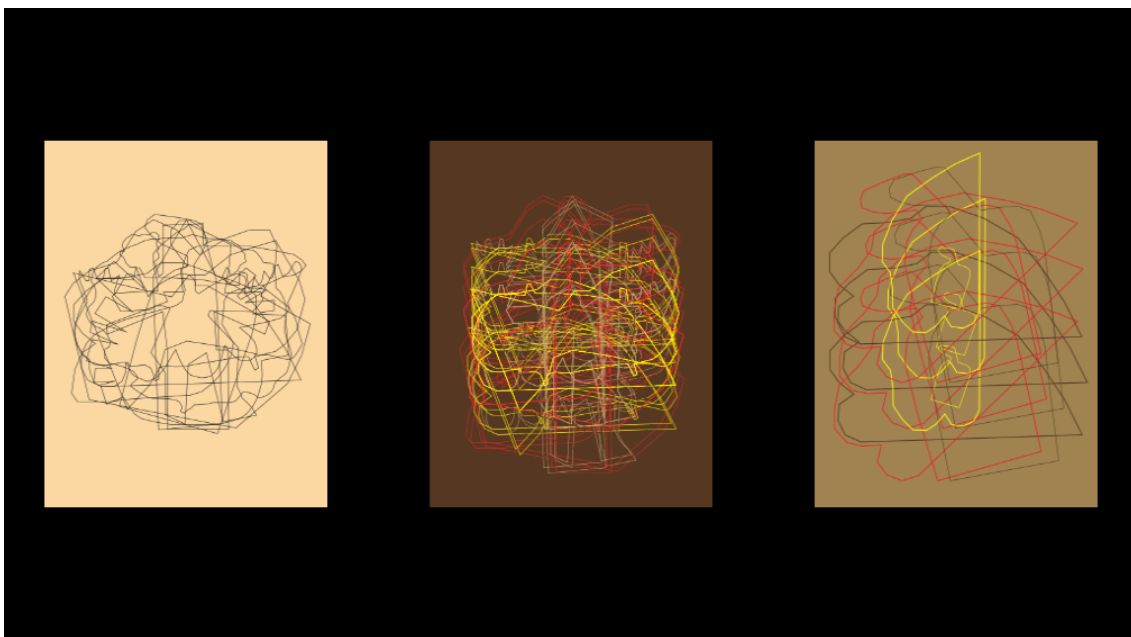


Fig. 38 - Castanho, *A Casa da Árvore*, Portugal, 2020.  
Adobe Illustrator, 21x29,7.



Fig. 39 - Castanho,2 *A Casa da Árvore*, Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.



Fig. 40 - Castanho, 1 *A Casa da Árvore*, Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.



Sendo que esta série apresenta algumas semelhanças relativamente à série anterior, utilizo como referência o mesmo artista, Jean Dubuffet. Porém, refiro outra obra do mesmo artista, “Mire G96” (1983), que embora possa facilmente ser comparada à obra “Echec au crops II”, a sobreposição de traços não é tão acentuada, e as diferentes cores tornam a leitura da obra mais clara. Segundo o estudo “Jean Dubuffet- Quixotic Quicksand?” de Donald Kuspit, professor de história de arte e de filosofia na SUNY Stony Brook, alguns dos Mires de Dubuffet aludem ao bolero, uma dança espanhola, ou uma jaqueta usada por toureiros, sugerindo assim a ousadia de confronto do manuseio pictórico do artista. Kuspit afirma que os Mires são obras derivadas do interesse do artista pelo grafite, chegando até a conotá-los como “artes de rua elevada à alta arte – expressionismo abstrato, mais amplamente, arte informal”. (KUSPIT, 2012)



Fig. 41 – Dubuffet, *Mire G96*, França, 1983. [S.T], [S.D], The Pace Gallery.

## Capítulo 7. Série V - O Adormecer de Uma Estrela

Na “Série V – O Adormecer de Uma Estrela”, volto a utilizar o programa Adobe Illustrator mas, desta vez, para uma série de sete imagens. Nesta série, procurei utilizar as formas preenchidas com diferentes tamanhos e cores (sempre com os mesmos tons) e posicioná-las estrategicamente de modo a transmitir a sensação de profundidade. Foi nesta série que comecei a perceber as diferentes formas de compor uma imagem de forma mais clara, simétrica e equilibrada.



Fig. 42 – Castanho, *O Adormecer de Uma Estrela*, Portugal, 2020.  
Adobe Illustrator, 21x29,7.





Fig. 43 – Castanho, 2 *O Adormecer de Uma Estrela*, Portugal, 2020.  
Adobe Illustrator, 21x29,7.

Esta série tem como referências as obras “Trás-os-Montes” (1964) e “Soria-Nimes” (1971), de Joaquim Rodrigo, devido às cores utilizadas, os diferentes tons de castanho, vermelho, cor de laranja, amarelo e verde. E também, devido às peculiares formas representadas.



Fig. 44 – Rodrigo, *Trás-os-Montes*, Portugal, 1964. Têmpera sobre tela, 122x91, Museu Calouste Gulbenkian.



Fig. 45 – Rodrigo, *Soria-Nimes*, Portugal, 1971. Tinta Acrílica, 179x127, Museu Calouste Gulbenkian

## Capítulo 8. Série VI - A Estrela Parou de Brilhar

A “Série VI – A Estrela Parou de Brilhar” é uma série digital composta por três imagens, todas elas com um aglomerado de formas sobrepostas, são imagens repletas de informação e é por isso que o nome é “A Estrela Parou de Brilhar”. Esta série faz referência a um dos erros por mim cometidos ao longo deste projeto, o excesso de informação, a informação distribuída de forma incorreta e, conseqüentemente, a ocultação de informação importante e clara, a ocultação do “brilho da estrela”.



Fig. 46 – Castanho, *A Estrela Parou de Brilhar*, Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.



Fig. 47 – Castanho, 3 *A Estrela Parou de Brilhar*, Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.



Fig. 48 – Castanho, 2 *A Estrela Parou de Brilhar*, Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.

A série “A Estrela Parou de Brilhar”, é composta por três imagens digitais, sendo que duas delas (a primeira e a última) são iguais, embora estejam apresentadas enquanto espelho (reflexo) uma da outra. Assim, abordo a obra “Comings and goings” de Jean Dubuffet, devido ao título que nos remete para a passagem do tempo, para o movimento e para o regresso.



Fig. 49 – Dubuffet, *Comings and goings*, França, 1965.  
[S.T], [S.D], [SCOL].

## Capítulo 9. Série VII - A Casa Voou

Na “Série VII – A Casa Voou”, os contornos das formas voltam a ser o único e principal foco, a repetição e sobreposição dos mesmos, os contornos, sobre fundos de cor verde, castanha, cinzenta e *beige*, remetem para a abstração e para a arte rupestre. Foi nesse mesmo sentido que estas obras foram criadas, para que quando as mesmas forem observadas, que o observador tenha a liberdade de as interpretar não só segundo os significados de cada forma nelas presente, mas também segundo a sua própria identidade, nunca esquecendo que, qualquer uma delas possui um cunho infantil.

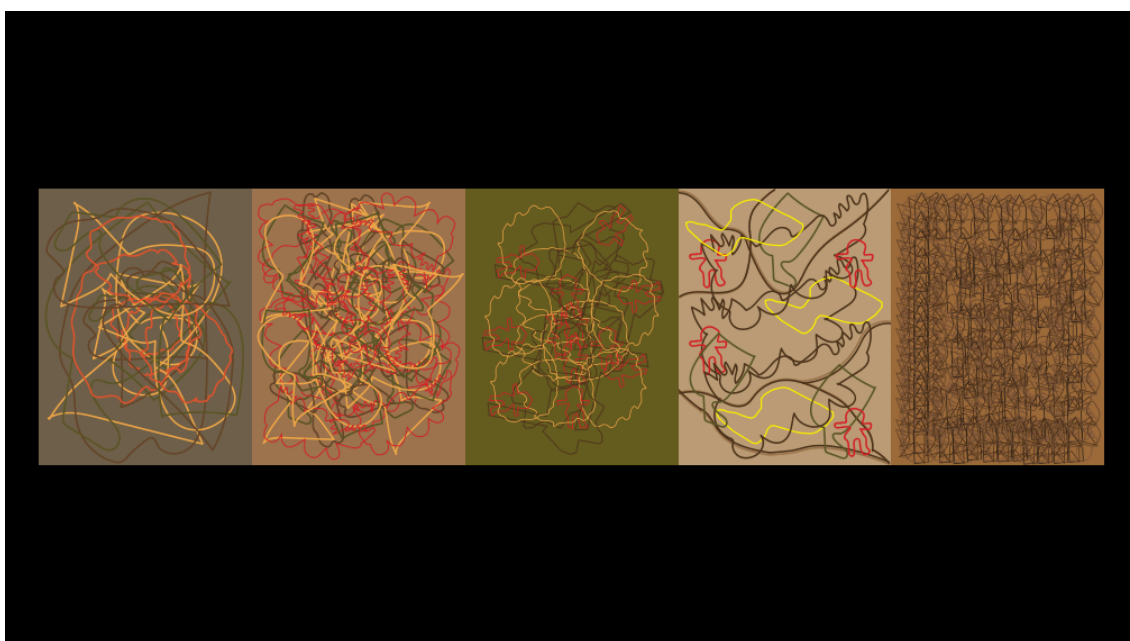


Fig. 50 – Castanho, *A Casa Voou*, Portugal, 2020.  
Adobe Illustrator, 21x29,7.



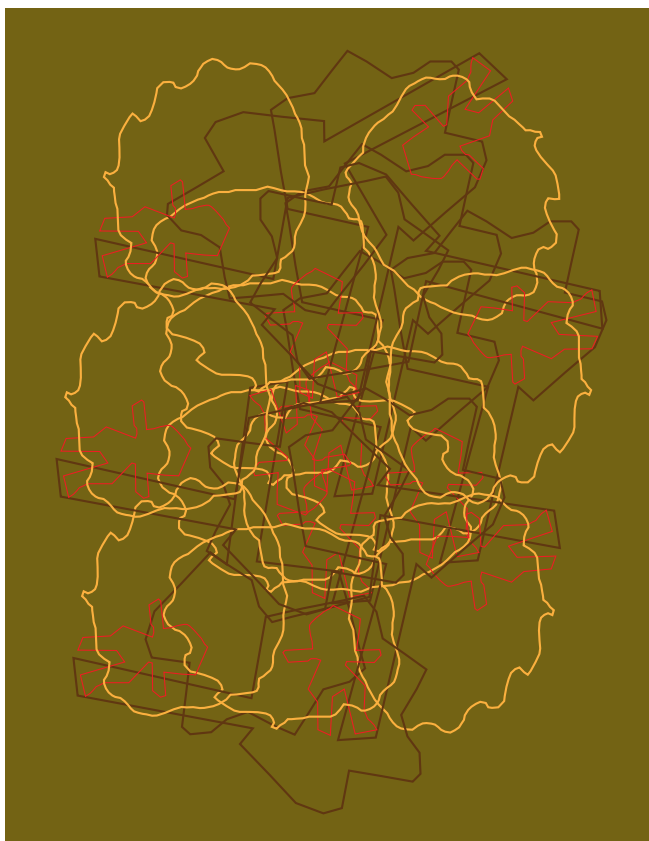


Fig. 51 – Castanho, 3 A Casa Voou, Portugal, 2020.  
Adobe Illustrator, 21x29,7.



Fig. 52 – Castanho, 2 A Casa Voou, Portugal, 2020.  
Adobe Illustrator, 21x29,7.

Para a série “A Casa Voou”, tive como inspiração a “Ref.1” da Edição de 200, do ano de 1985 da artista Lourdes de Castro. É uma obra que tem como técnica a serigrafia e que apresenta diferentes contornos de diferentes formas e cores, sobrepostos.



Fig. 53 – Castro, *Ref.1*, Portugal, 1985. Serigrafia, 80x60, Edição 200.



## Capítulo 10. Série VIII - A Lua Procura o Menino

A “Série VIII – A Lua Procura o Menino”, trata-se de uma série composta por três colagens digitais, todas elas com contornos de formas sobrepostos, contudo, cada uma delas apresenta cores conjugadas de forma pensada. Isto é, a primeira colagem à esquerda é uma colagem em tons de azuis e verdes, cores frias. A segunda colagem, apresenta as cores complementares lado a lado, o azul com cor de laranja, o vermelho com verde e o roxo com amarelo. E a terceira e última colagem desta série, apresenta tons de vermelhos, laranjas e rosas, ou seja, cores quentes. Esta série intitula-se “A Lua Procura o Menino” não só pelos significados das formas utilizadas, mas, também, porque esta série foi desenvolvida numa fase minha de descoberta e de procura relativamente ao meu trabalho, à minha arte e aos meus objetivos para este projeto.

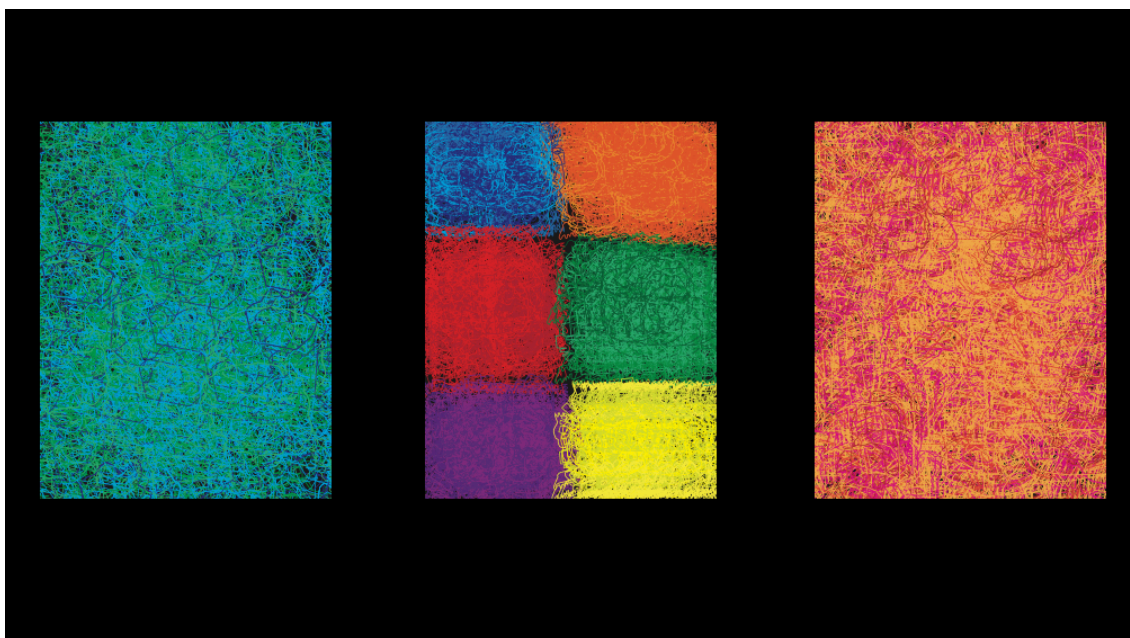


Fig. 54 – Castanho, *A Lua Procura o Menino*, Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.



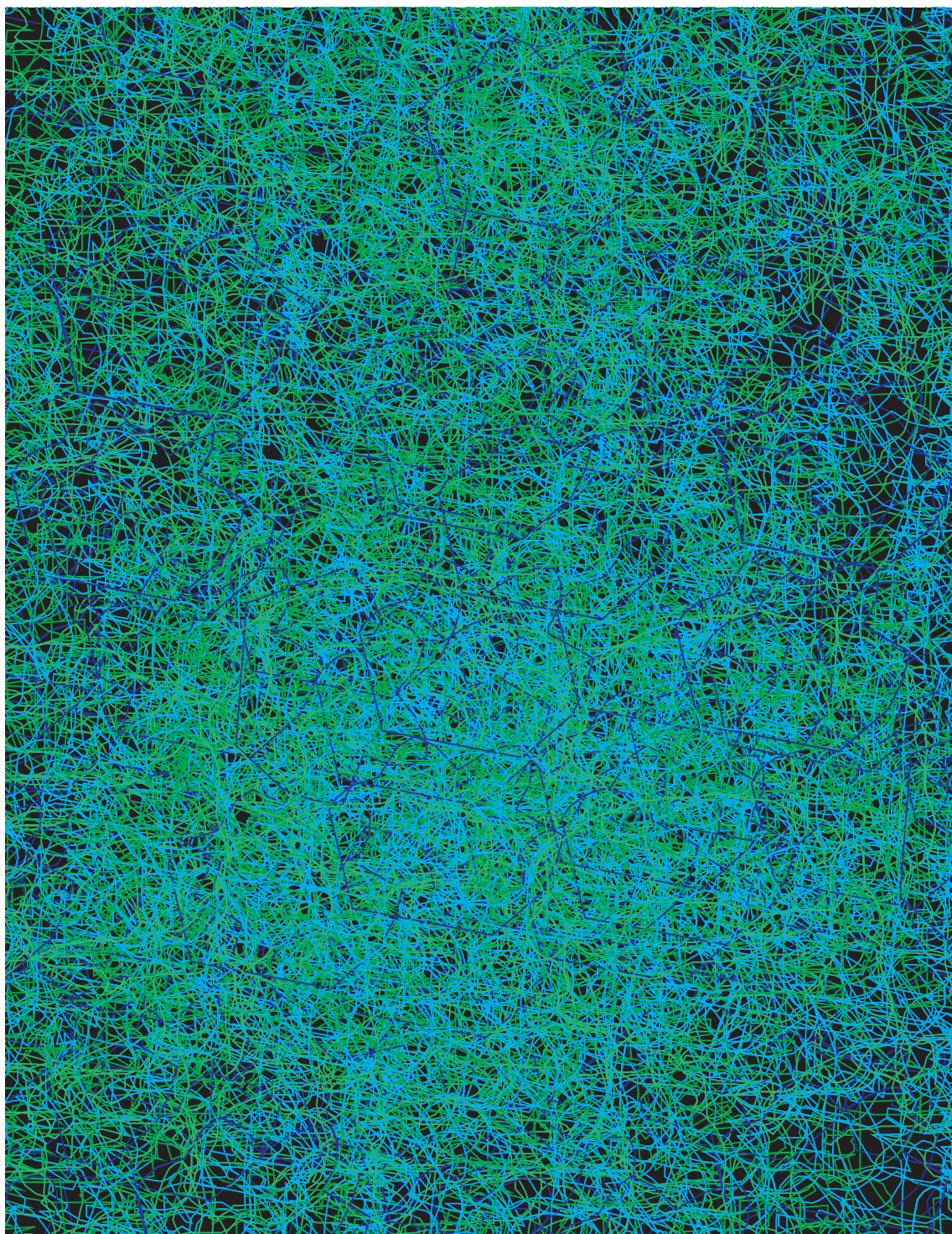


Fig. 55 – Castanho, 1 *A Lua Procura o Menino*, Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.



A obra “Improvisation” (1914) do artista Wassily Kandinsky, foi a impulsionadora desta série devido à quantidade de informação nela presente, devido ao facto de esta, após ser vista pela primeira vez, “pedir” que seja revista de modo a assimilar o que é mostrado ao observador.



Fig. 56 - Kandinsky, *Improvisation Gorge*, Munique, 1914. Óleo sobre tela, [S.D.], The Stadtische Galerie in Lenbachhaus.

## Capítulo 11. Série IX - O Céu Aprendeu a Voar

Na “Série IX – O Céu Aprendeu a Voar”, voltei a utilizar o mesmo esquema de cores que utilizei na série VIII, uma colagem digital apenas com cores frias, outra com cores complementares e uma última com cores quentes, a diferença para a série anterior é que em vez de utilizar os contornos sobrepostos, utilizei as formas preenchidas.

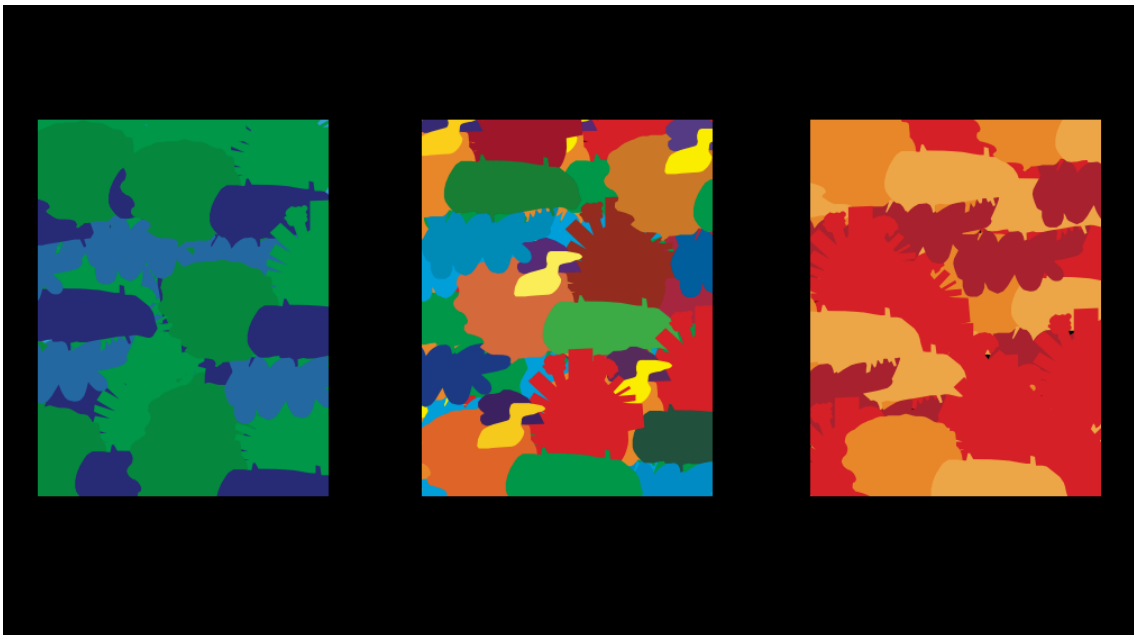


Fig. 57 – Castanho, *O Céu Aprendeu a Voar*, Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.



Fig. 58 – Castanho, 3 *O Céu Aprendeu a Voar*, Portugal, 2020. Adobe Illustrator, 21x29,7.

Considero que esta série remete para a obra “Mountain Village” do artista Paul Klee, devido ao modo como as formas presentes se entrelaçam e encaixam umas nas outras. Ainda que, na obra de Paul Klee, as formas presentes sejam formas geométricas e a minha apresente formas mais dinâmicas, o entrelaçar de formas em ambas as obras é visível e inspira-me a explorar de modo mais acentuado os jogos de formas possíveis no mundo da Arte.

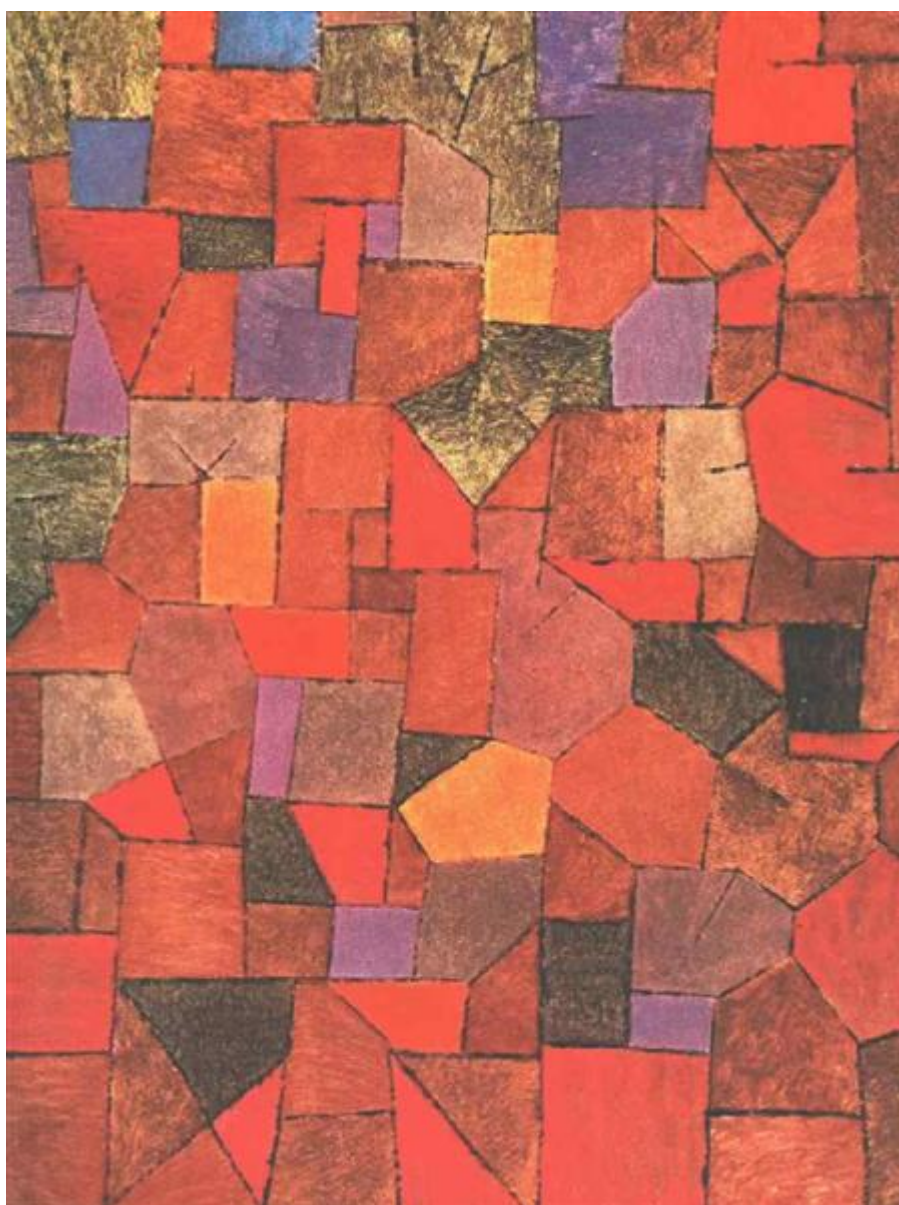


Fig. 59 – Klee, *Mountain Village*, Suíça, 1934. Pintura a óleo, 54,4x71,5, Museum Sammlung Rosengart Luzern



## Capítulo 12. Série X - O Menino da Natureza

A “Série X – O Menino da Natureza”, foi feita através de gravura aditiva, com tinta de óleo sobre papel de gravura. Esta série provém de uma gravura de tamanho A2, na qual gravei algumas formas com diferentes cores cada uma, de modo a dar-lhes texturas, a dar-lhes alguma história, a torná-las mais pessoais. Assim, o resultado final é revelado, precisamente, através de fotografias de pormenores da gravura que dão ênfase a essas mesmas texturas.

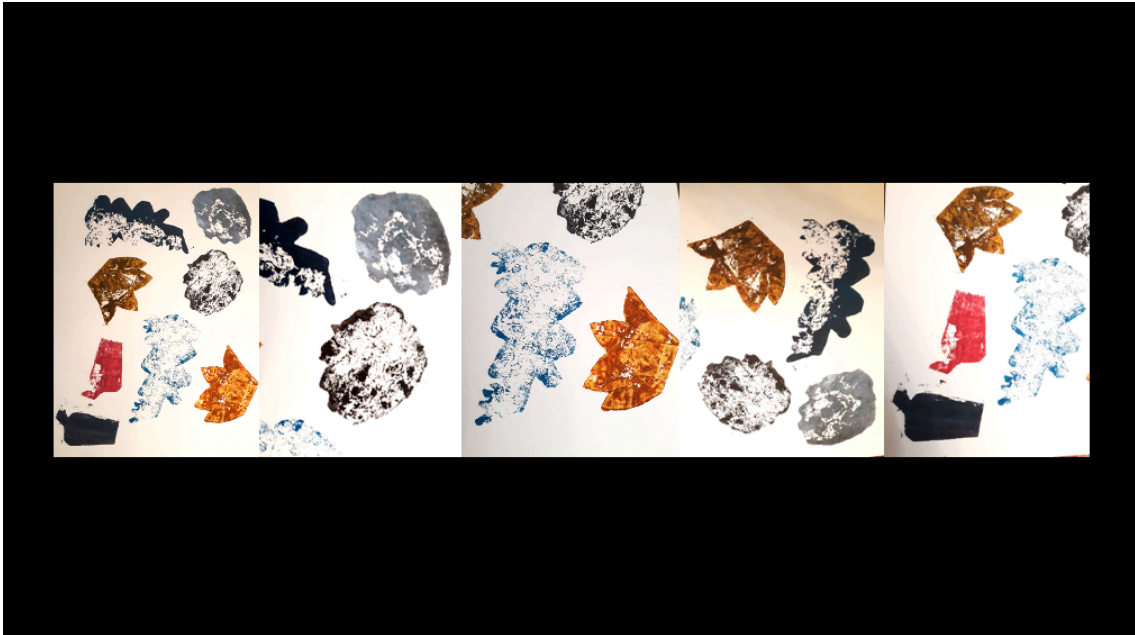


Fig. 60 – Castanho, *O Menino da Natureza*, Portugal, 2020. Gravura aditiva, 50x70.





Fig. 61 – Castanho, 3 *O Menino da Natureza*, Portugal, 2020. Gravura aditiva, 50x70.

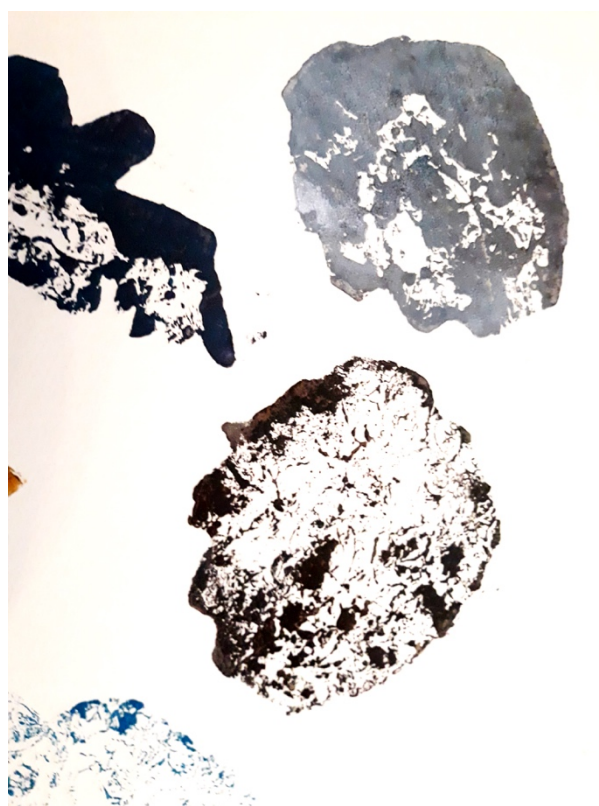


Fig. 62 – Castanho, 2 *O Menino da Natureza*, Portugal, 2020. Gravura aditiva, 50x70.

A série “O Menino da Natureza” foi uma série desenvolvida num período de experimentação da técnica de gravura aditiva, foi o resultado de um exercício sem um propósito ou objetivo final. Como tal, conoto esta série com a obra “Exercício de ser criança” do grupo Matizes Dumont. Não só pelo título corresponder ao período de experimentação, como também, por ambas remeterem para a infância.



Fig. 63 – Dumont, *Exercício de ser criança*, Brasil, 2020.  
Bordado, 50x35, Lançamentos 2020.

### Capítulo 13. Série XI - O Pior Lado da Lua

Na “Série XI – O Pior Lado da lua” é uma série que revela uma maior liberdade no meu trabalho, é uma série que me permitiu quebrar horizontes, que me permitiu ir para além das formas contidas que representei até então, que me permitiu experimentar a junção de mais materiais e que não me obrigou a manter-me no mesmo registo. Assim, esta série foi retirada de uma técnica mista de gravura aditiva com tinta da china. Nela volto a gravar as formas e separo-as remetendo-as a espaços reservados para as mesmas, mas, por último, deixo que a tinta da china ocupe esses espaços e quebre esses contornos segundo a orientação que eu dou à folha de tamanho A2 e segundo o percurso que as texturas dadas pela tinta de óleo criam. Esta série é resultante de fotografias com foco nas quebras desses limites e nas texturas.

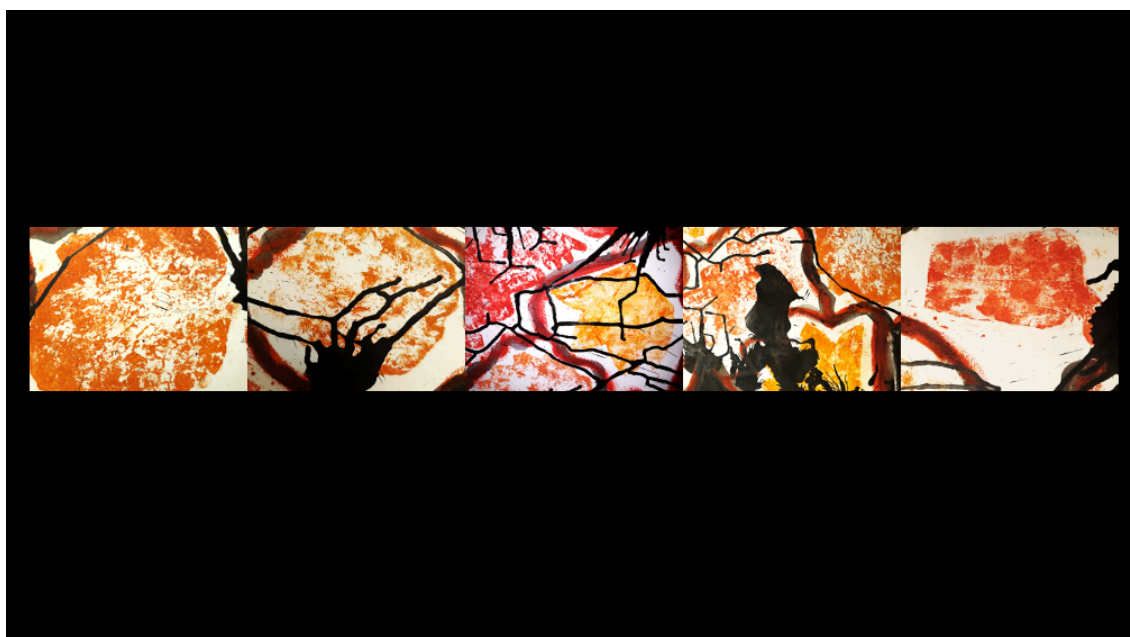


Fig. 64 – Castanho, *O Pior Lado da Lua*, Portugal 2020. Técnica mista, 50x70.





Fig. 65 – Castanho, 2 *O Pior Lado da Lua*, Portugal  
2020. Técnica mista, 50x70.



Fig. 66 – Castanho, 1 *O Pior Lado da Lua*, Portugal  
2020. Técnica mista, 50x70.



Esta série, remete para a “Composição VII” (1913) da autoria de Wassily Kandinsky devido às cores presentes e aos traços pretos carregados que sobressaem em ambas as obras. Nesta composição, o artista teve como objetivo dotar a forma e a cor de um significado puramente espiritual de modo a eliminar qualquer semelhança com o mundo físico.

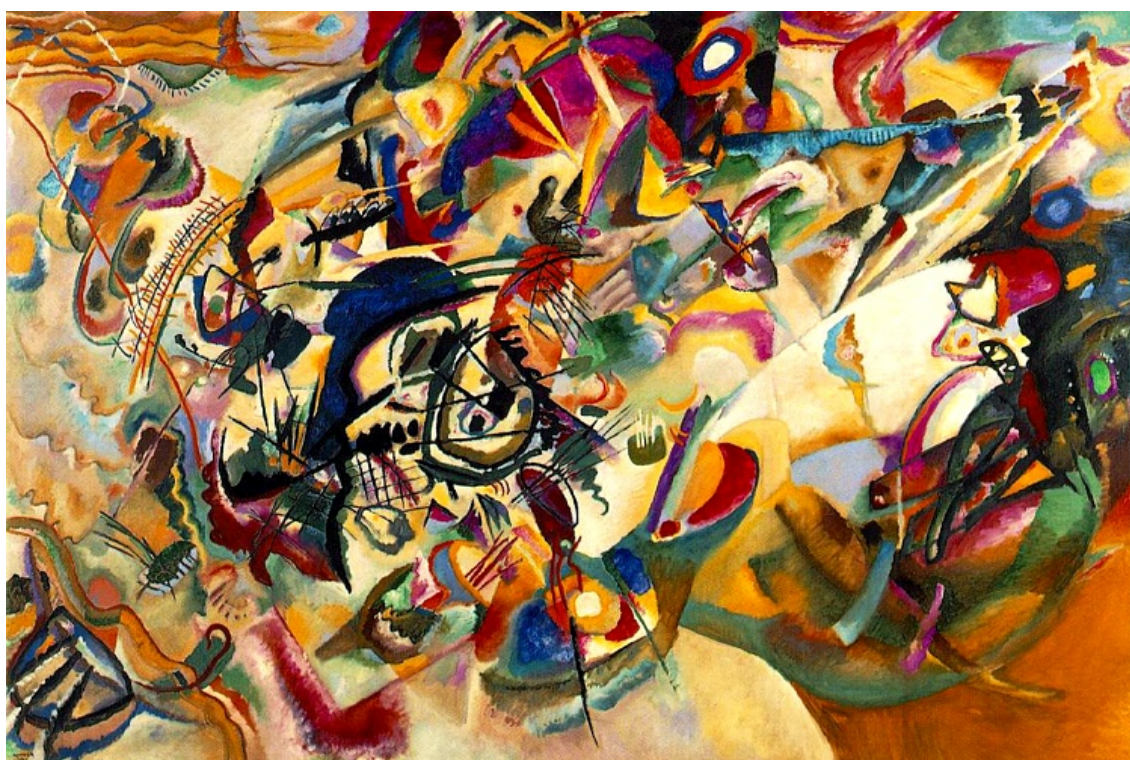


Fig. 67 – Kandinsky, *Composição VII*, Moscovo, 1913. Óleo sobre tela, 200x300, Galeria Tretyakov, Moscovo

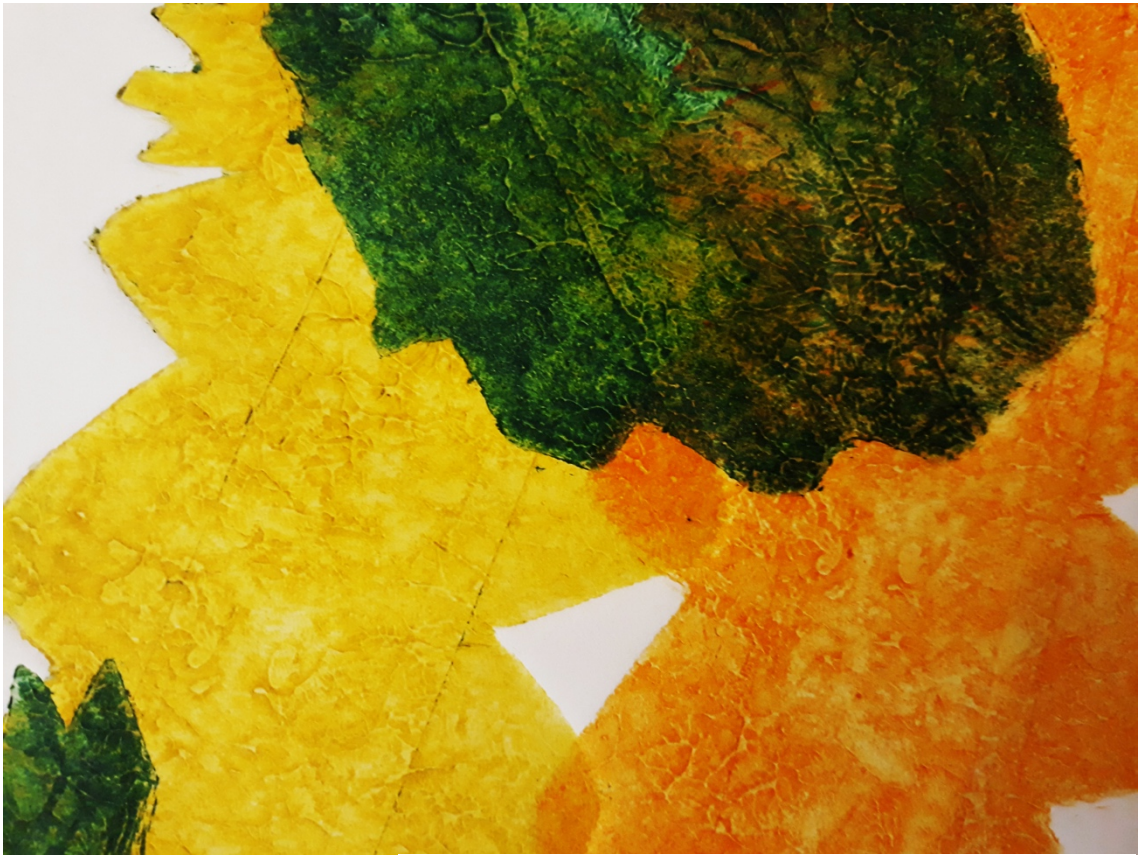


## Capítulo 14. Série XII - A Estrela Foge do Céu

A “Série XII – A Estrela Foge do Céu” é uma série proveniente de uma gravura aditiva com tinta de óleo e de tamanho A2. Esta foi a primeira gravura feita por mim e ainda em contexto escolar, isto é, ao contrário das outras gravuras presentes no meu trabalho, esta foi feita com a prensa, daí a apresentar texturas mais acentuadas. O título desta série foi escolhido considerando a aglomeração de formas presentes nesta obra e uma única forma afastada das restantes. Esta série, é também ela resultante de fotografias de pormenores da gravura original, estas foram tiradas de modo a dar ênfase à “fuga da estrela”, ao afastamento da forma visivelmente afastada das restantes, na última fotografia da série.



*Fig. 68 – Castanho, A Estrela Foge do Céu, Portugal, 2020. Gravura aditiva, 50x70.*



*Fig. 69 – Castanho, 3 A Estrela Foge do Céu, Portugal, 2020. Gravura aditiva, 50x70.*



*Fig. 70 – Castanho, 6 A Estrela Foge do Céu, Portugal, 2020. Gravura aditiva, 50x70.*



A obra “Meninos no balanço” do grupo Matizes Dumont, é uma obra onde estão representadas crianças a andar de balanço, é uma obra que me remete para a simplicidade de ser criança, para a abstração das preocupações ou responsabilidades que brincar implica e é deste modo que a utilizo como referência para a minha série “A Estrela Foge do Céu”. Esta série representa o refúgio de cada um, o espaço e o tempo de cada pessoa. Assim sendo, recorro à obra “Meninos no balanço”, como resposta à minha série “A Estrela Foge do Céu”, pois ela veio-nos trazer um objetivo à nossa fuga, a infância.

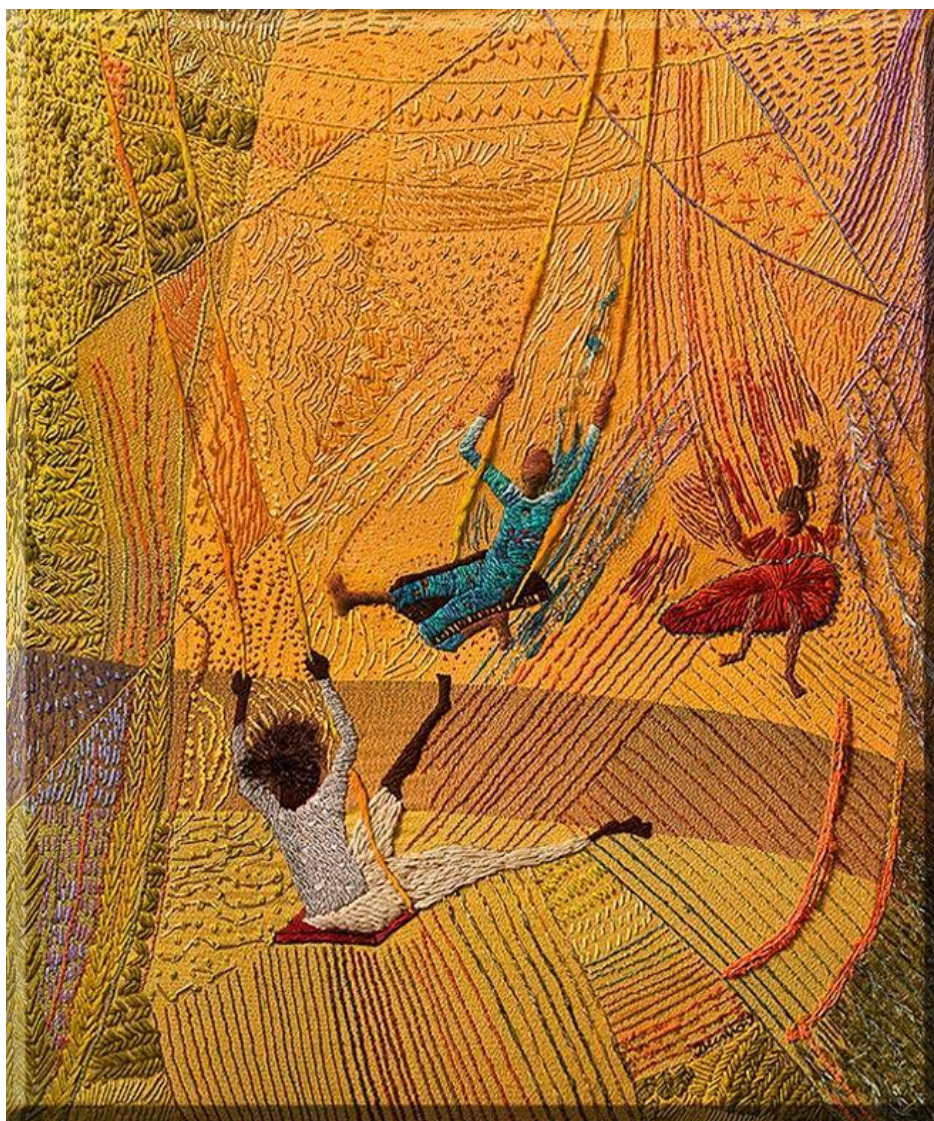


Fig. 71 – Dumont, *Meninos no balanço*, Brasil, 2020.  
Bordado, 35x30, Coração em Paz.

## Capítulo 15. Série XIII - Viver

Na “Série XIII – Viver”, foi quando comecei a experimentar dar tridimensionalidade às representava apenas o contorno da forma, outra a forma preenchida e o entrelace entre as mesmas dar-lhes-ia então a tridimensionalidade pretendida. Para a série fotográfica optei por explorar também as sobras que esta peça criava sob um fundo branco. O título desta série foi escolhido devido ao facto de esta forma representar a palavra “viver” no meu dicionário de formas inicialmente elaborado.



*Fig. 72 – Castanho, Viver, Portugal, 2020.  
Fotografia, 20x20.*





*Fig. 73 – Castanho, 1 Viver, Portugal, 2020.  
Fotografia, 20x20.*



*Fig. 74 – Castanho, 3 Viver, Portugal, 2020.  
Fotografia, 20x20.*



Esta série foi inspirada na obra de Lourdes de Castro “Montanha de Flores”, uma acumulação de pétalas de gerânio suspensa com um foco de luz a incidir sobre a mesma, devido ao jogo de formas criado em ambas e devido à centralidade implícita, isto é, na peça de Lourdes de Castro, a centralidade torna-se visível ao primeiro olhar. Na série “Viver” a centralidade é referenciada através do ponto mais luminoso de cada imagem pertencente a esta série.

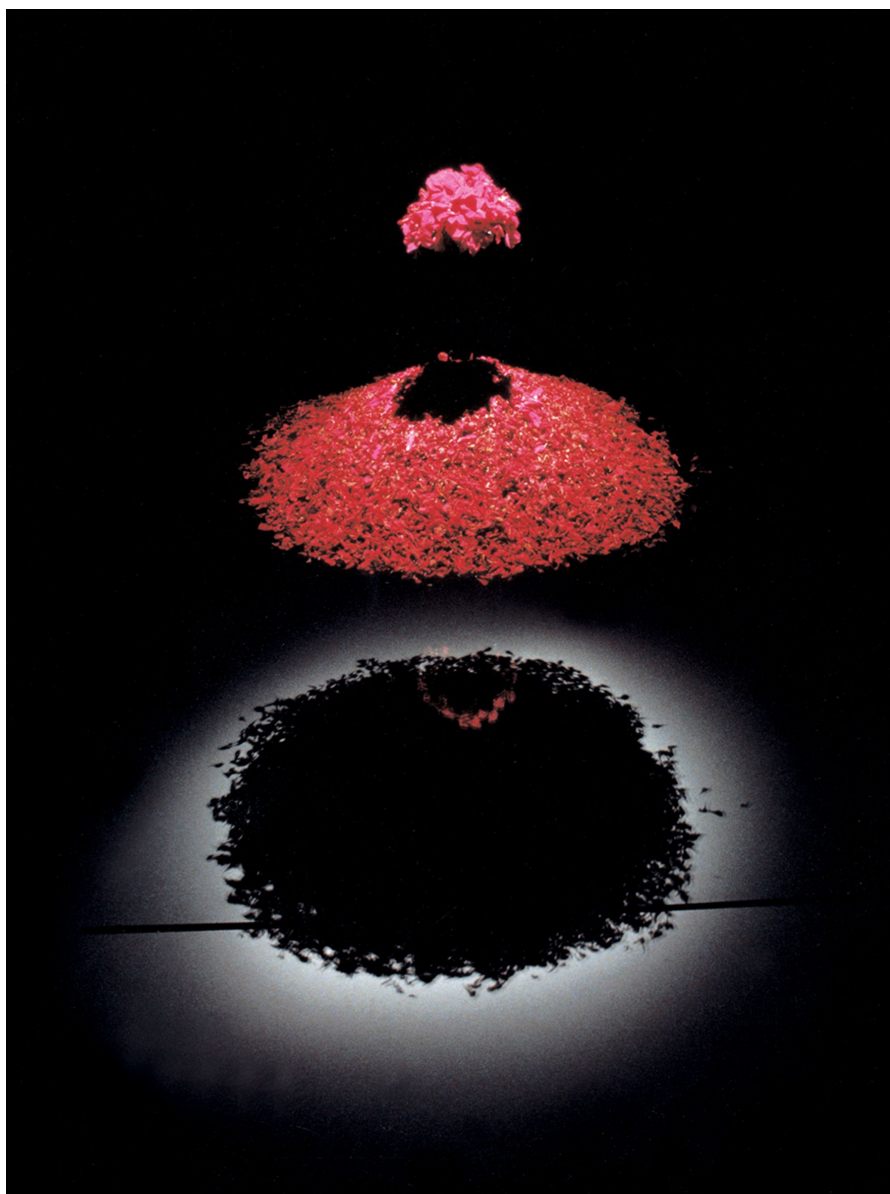


Fig. 75 – Castro, *Sombras à volta de um centro*, Portugal, 1960.  
[S.T], [S.D], Coleção Serralves.

## Capítulo 16. Série XIV - Voar

A “Série XIV – Voar” e última série resulta do mesmo processo da série anteriormente mencionada, contudo, com uma forma diferente, a forma que, quando procurada no dicionário de formas, remete para palavra “voar” justificando assim o título desta série.

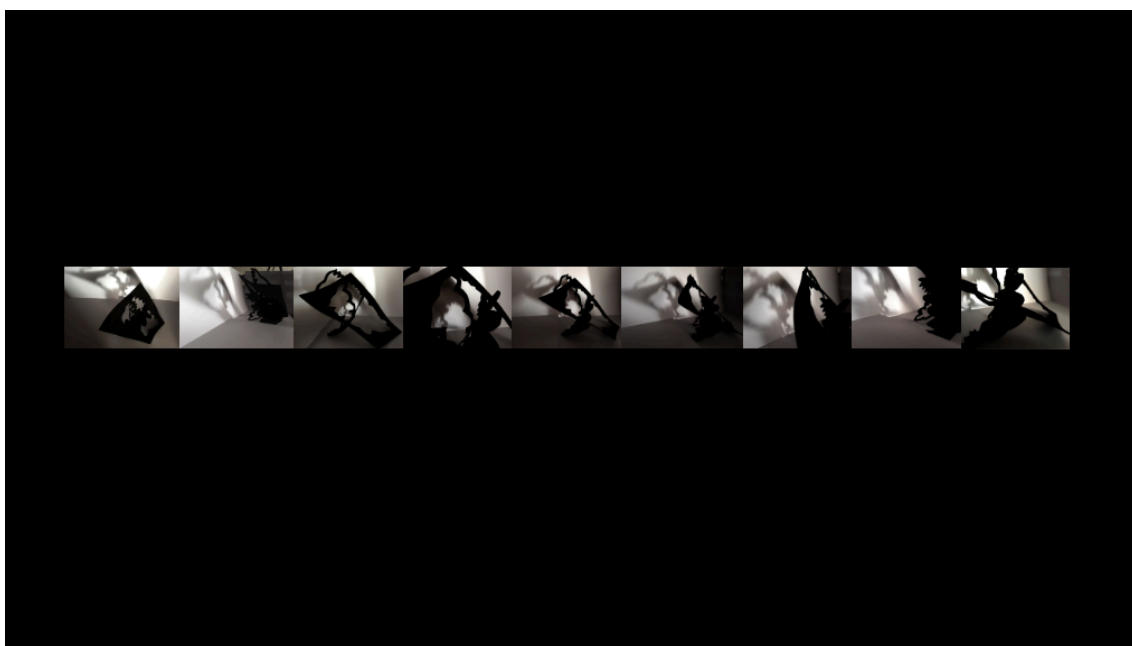


Fig. 76 – Castanho, *Voar*, Portugal, 2020. Fotografia, 20x20.



Fig. 77 – Castanho, 3 Voar, Portugal, 2020. Fotografia, 20x20.



Fig. 78 – Castanho, 4 Voar, Portugal, 2020. Fotografia, 20x20.

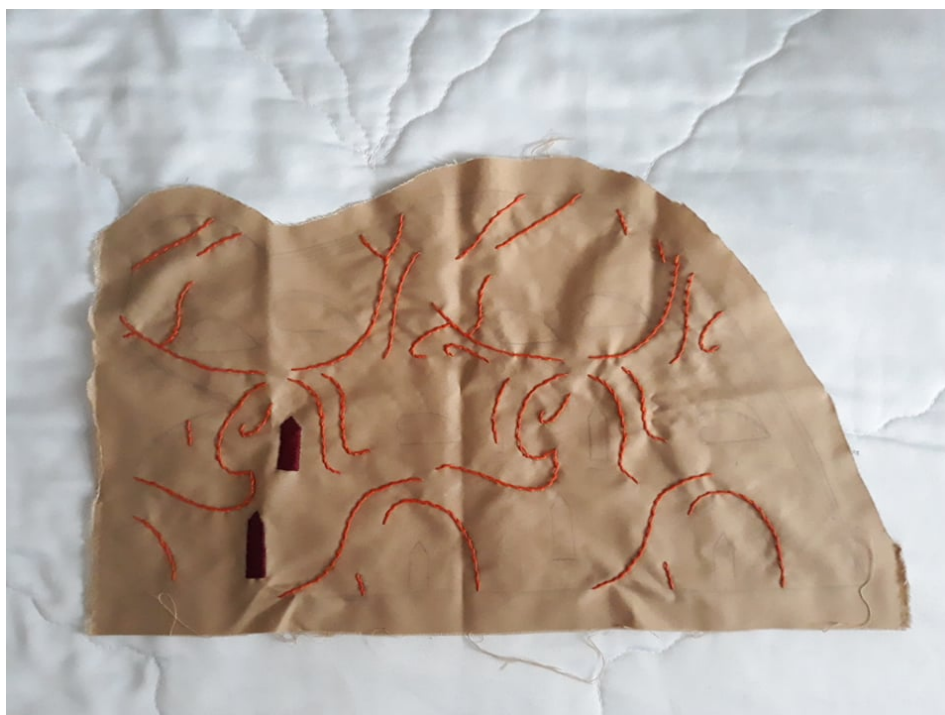
Esta série foi inspirada no vídeo “Teatro de Sombras” de Lourdes de Castro, do ano de 1970. Este vídeo consiste numa performance de sombras e, sendo que, a minha série antes de ser estática passou por um processo semelhante, isto é, por tentativas de vídeo enquanto registo das diferentes sombras projetadas, este “teatro de sombras” foi a minha inspiração.



Fig. 79 – Castro, *Teatro de Sombras*, Portugal, 1970.  
Teatro

## Capítulo 17. Série XV - Almofadas que contam histórias

Este capítulo culmina todo o meu trabalho, nele eu apresento as almofadas com a forma de algumas das figuras retiradas dos trabalhos das crianças, e revestidas por um tecido bordado com um padrão proveniente das séries apresentadas anteriormente. Estas almofadas são um meio de atribuir tridimensionalidade às formas. O objetivo é a partir de um trabalho feito por crianças, criar algo direcionado para as mesmas, assim, optei por criar almofadas que podem ser utilizadas enquanto isso mesmo ou enquanto peluches e que contem uma história com a qual eles se possam identificar.



*Fig.80 – Castanho, Processo de Pensar, Portugal, 2020. Costura e bordado livre. 50x30x10.*





Fig.81 – Castanho, Processo de Observar, Portugal, 2020. Costura e bordado livre. 40x60x20.



Fig.82 – Castanho, Processo de Voar, Portugal, 2020. Costura e bordado livre. 70x40x20.

Assim, criei a minha primeira almofada - “Pensar” - Esta foi a primeira almofada feita por mim. Os tons “terra” e quentes, foram pensados de modo a aludir às paisagens alentejanas e optei por relacioná-la com uma história que apela ao sonho e à ambição. Escrevi esta história de modo a que qualquer criança que a leia se sinta com o poder de querer realizar tudo aquilo com que sonha.



*Fig.83 – Castanho, Pensar, Portugal, 2020. Costura e bordado livre. 50x30x10.*

Nesta segunda almofada - “Observar” - decidi continuar com tons semelhantes aos tons da primeira almofada. A história que ela conta alude à importância da família e como o contexto familiar influencia os gostos e os interesses de alguém e, sobretudo, de uma criança.



*Fig.84 – Castanho, Observar, Portugal, 2020. Costura e bordado livre. 40x60x20.*



Nesta terceira e última almofada - “Voar” - optei por arriscar e alterar as cores. Decidi utilizar tons idênticos aos tons da bandeira de Portugal porque a história que esta almofada conta tem como intuito mostrar às crianças que, independentemente de onde sejam as suas “raízes”, existe um mundo por explorar. Que se trabalhem e forem persistentes conseguem alcançar aquilo que um dia lhes pareceu inalcançável.



*Fig.85 – Castanho, Voar, Portugal, 2020. Costura e bordado livre. 70x40x20.*



## Considerações Finais

Através deste projeto, concluo que a criatividade infantil é uma fonte de inspiração inesgotável. A inocência de uma criança e a pureza com que esta encara o mundo e tudo o que no mesmo vive, é por si só, arte.

Ao longo dos capítulos dou ênfase à criatividade enquanto impulsionadora do processo artístico. Faço referência às irregularidades de intensidade com que a criatividade surge e ao modo como esta influencia o processo artístico. Refiro a importância da persistência na prática artística e no aperfeiçoamento da técnica e dou igual importância aos estudos de espaço, cor e composição. Defendo também, a pertinência da experimentação no processo artístico, a capacidade de explorar técnicas e de estimular a criatividade para a obtenção de resultados pretendidos. Termino concluindo que através de arte criada com crianças, é possível criar arte para crianças.

Ao desenvolver todo o meu trabalho ao longo deste mestrado e ao redigir este relatório, dou por mim a encontrar um percurso artístico mais coerente que o anterior. Sempre deambulei pela arte digital e pela escrita, sempre tive especial interesse pelo ensino. Contudo, jamais imaginei conciliar todos os meus interesses num só projeto. Neste projeto eu tive a liberdade de escrever, de criar histórias, de representar mundos imaginários através de diferentes técnicas, de trabalhar com crianças, de aprender com elas e de lhes transmitir algo por mais ínfimo que fosse.

Estou, por parte de outra formação académica, a estagiar numa escola. Lido diariamente com adolescentes e, quase sempre reflito quanto aos seus comportamentos de modo a enriquecer este meu projeto. Procuro conhecer os seus interesses, compará-los com os interesses das crianças com quem trabalhei e procuro encontrar todos esses interesses com os meus. É um exercício que tornei diário, um exercício de introspeção que nos leva não só ao conhecimento, como ao autoconhecimento. Neste sentido, a minha prática artística caracteriza-se por uma metodologia autorreflexiva.

Este projeto ensinou-me a conseguir identificar-me com qualquer obra de arte, levou-me a acreditar que em qualquer tipo de arte existe um pouco da

nossa essência, identidade ou personalidade. Fez de mim alguém mais atenta, reflexiva, talvez possa concluir que fez de mim uma artista.

## Referências Bibliográficas

### URL's:

PIRES, Manuel- 1970 – Teatro de Sombras por Lourdes de Castro – 1970: Youtube [Consult. 5 de Janeiro de 2021]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.youtube.com/watch?v=2uYY5vG45UQ>

GULBENKIAN, Fundação Calouste- Lourdes de Castro. Todos os livros: Youtube [Consult. 5 de Janeiro de 2021]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.youtube.com/watch?v=nnsIG3G1L3Q>

DUMONT, Matizes- Exercício de Ser Criança: Youtube [Consult. 10 de Janeiro de 2021]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.matizesdumont.com/collections/lancamentos-2020/products/exercicio-de-ser-crianca-pipas>

BAIÃO, Joana – Joaquim Rodrigo: Museu de Arte Contemporânea do Chiado [Consult. 20 de Dezembro de 2020]. Disponível em WWW:<URL:<http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/62/artists>

TATE – The Path to Abstraction, room guide, room 7 [Consult. 2 de Fevereiro de 2021]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.tate.org.uk/whatson/tate-modern/exhibition/kandinsky-path-abstraction/kandinsky-path-abstraction-room-guide-6>

AESKI, Rafael- *Traços de Uma Vida*: Youtube [Consult. 20 de Maio de 2020]. Disponível em WWW: <URL:<https://www.youtube.com/watch?v=-i1t-MF5MuA>

MUNARI, Bruno - *Bruno Munari: Youtube* [Consult. 22 de Maio de 2020]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.youtube.com/watch?v=MKvh1mAclJw>

PACHECO, Maria João - *atividade Livro Ilegível à semelhança de Bruno Munari* [Vídeo]: Setúbal: Youtube, 24 de Março de 2019. [Consult. 20 de Março de 2020]. Disponível em WWW:<URL:[https://www.youtube.com/watch?v=iqn5c4VoTgl&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=iqn5c4VoTgl&feature=emb_logo)

BABO, Constança- Lourdes de Castro- *A vida como ela é: ARTECAPITAL* [Consult. 10 de Fevereiro de 2021]. Disponível em WWW:<URL:<https://www.artecapital.net/exposicao-641-lourdes-castro-a-vida-como-ela-e>

DIAS, Lu – Kandinsky – COMPOSIÇÃO IV: [Consult. 22 de Fevereiro de 2021]. Disponível em WWW:<URL: <https://virusdaarte.net/kandinsky-composicao-iv/>

KUSPIT, Donald – Quixotic Quicksand?: [Consult. 27 de Fevereiro de 2021]. Disponível em WWW:<URL:[https://translate.google.com/translate?hl=pt-PT&sl=en&u=http://www.artnet.com/magazineus/features/kuspit/jean-dubuffet-1-31-12\\_detail.asp%3Fpicnum%3D7&prev=search&pto=aue](https://translate.google.com/translate?hl=pt-PT&sl=en&u=http://www.artnet.com/magazineus/features/kuspit/jean-dubuffet-1-31-12_detail.asp%3Fpicnum%3D7&prev=search&pto=aue)

## **Monografias**

BENAVENTE, Ana; COSTA, António Firmino da; MACHADO, Fernando Luís; NEVES, Manuela Castro – *Do Outro Lado da Escola*. Lisboa: Edições Rolim, 1978. [6] 144p. (EDUCAÇÃO, 3). ISBN 9789726951520

CRUZ, Afonso - *O Livro do Ano: Agenda Intemporal*. Lisboa: Copyright, 2017. 168p. ISBN 9789896653316

FOCAULT, Michel - *As Palavras e as Coisas*. Trad. António Ramos Rosa. Lisboa: EDIÇÕES 70, 2005. [4] 422.p ISBN 9724405311



GONÇALVES, Rui Mário; FRÓIS, João Pedro; MARQUES, Elisa – *Primeiro Olhar*. Programa Integrado nas Artes Visuais. Pref. de Teresa Ambrósio. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. [9] 200p. ISBN 9723109867

LOCKHART, Sharon – *Milena: A Work in Progress*. Milena: Silvana, 2015. 168p. ISBN 9788836630608

MUNARI, Bruno - *Das Coisas Nascem Coisas*. Lisboa: Edições 70, 1993. 388p. (Volume 16 de Arte e Comunicação). ISBN 9789724401607

RODRIGUES, Dalila D'Alte – *A Infância da Artes, A Arte da Infância*. 2aed. Lisboa: Edições ASA, 2002. [13] 335p. ISBN 9789724127477

KANDINSKY, Wassily – *Concerning the Spiritual in Art*. Traduzido por Michael T. H. Sadler (2004). [S. l]: kessinger Publishing, p.32. ISBN 9781419112772

### **Dissertações**

ANTUNUES, Ana Margarida Penela de Deus - Aspectos de Criatividade, Fantasia e Imaginação na Educação Visual. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2013. 151 f. Tese de Mestrado

RIBEIRO, Marta Sofia Diogo - Do Desenho à Ilustração Infantil. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes, 2011. 68 f. Tese de Mestrado

STEIN, Vinícius - Formação Artística e Estética de Professores e Crianças: Desenvolvimentos da Criação com Artes Visuais na Educação Infantil. Maringá: Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2019. 128 f. Tese de Doutorado

### **Publicações em Série\_Periódicos**

A Educação Artística no Universo Infantil: Ser Feliz, Aprender a Brincar com Arte!. Susana Maia Porto. Revista Aprender. No 38. Porto, (2018). Disponível em: <http://aprender.esep.pt/index.php/aprender/article/view/19>

Histórias da Literatura Infantil. Maria Eunice Moreira; Mitizi Gomes. Edição No 38. Lisboa: Revista do Centro de Letras e Comunicação, (2020). ISSN 2358 - 1409

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/announcement/view/314>

## Anexos

### “Ele Era Pequeno “

“Ele era pequeno, quatro patas, pelo macio e castanho, com cauda felpuda, orelhas esprevidadas e olhos grandes cor de avelã. Viveu sempre alí, no seu lar, a raiz de um castanheiro. Foi ali que nasceu, foi ali que viveu. “Ele” era o esquilo Rafael...

... ao seu redor a vista era deslumbrante, em tons de dourado (fosse qual fosse a estação do ano), o reflexo do sol e da lua nos troncos dos castanheiros e na terra, iluminava toda a paisagem que, por sua vez, se refletia no pequeno riacho que por ali passava.

O Rafael cresceu ali e foi ali que conseguiu o seu primeiro trabalho. Não tem memória de quando se apaixonou por barcos feitos de cortiça- provavelmente desde o tempo em que a colónia de formigas, que vivia na outra margem do riacho, lhe aguçou, pela primeira vez, a curiosidade-. Foi há muito, muito tempo, na vida de um esquilo.

Passava horas a admirar os carreiros que formavam, a forma como se organizavam, o tipo de construções que as formigas executavam. Certo dia, o Rafael pensou abrir o seu próprio negócio. Pensou e repensou e decidiu-se pela

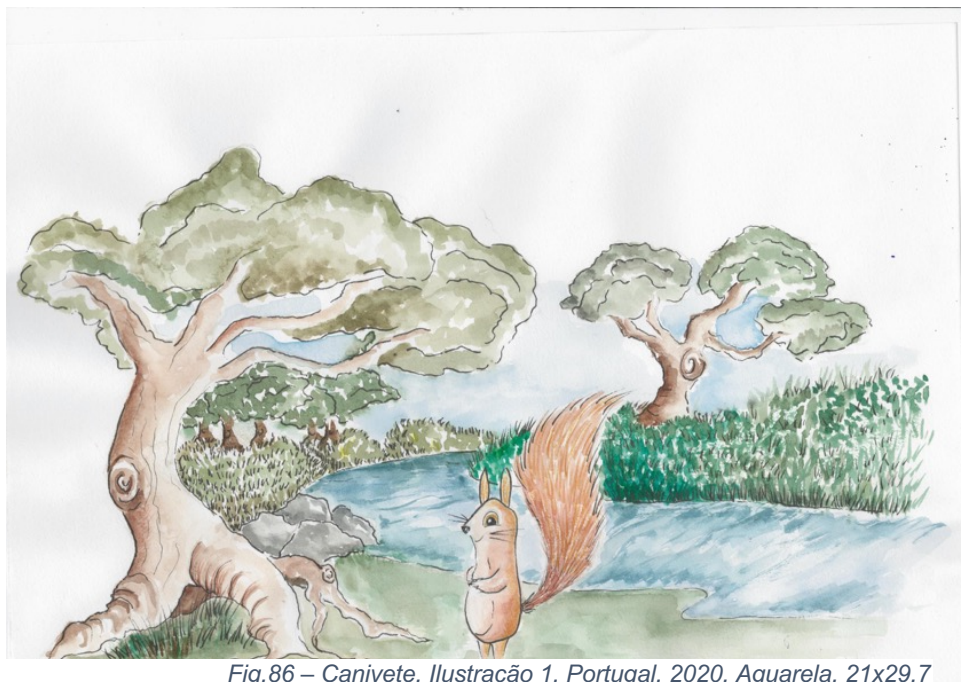


Fig.86 – Canivete, Ilustração 1, Portugal, 2020. Aquarela. 21x29,7

construção de barcos de cortiça, E desta feita não seriam apenas brinquedos para ele, mas sim meios de transporte para as formigas.

Deitou mãos à obra! Ziguezagueou por todo o riacho, entre uma margem e outra, durante sessenta e quatro dias. Eram dias de verão, longos e quentes, e o trabalho parecia não ter fim!

Ao sexagésimo quarto dia, já ao cair da noite, e para seu grande espanto, avistou na margem oposta uma luz fora dos tons dourados da restante paisagem, uma luz forte em tons de azuis, talvez prateados... a luz mais bonita que alguma vez avistara. Atravessou o riacho, atracou o barco e seguiu em direção à luz. Parecia que não estava longe, mas quanto mais caminhava, mais distante estava de a alcançar. Caminhou através de montes e vales, galhos e folhas de castanheiro, a luz parecia inalcançável. Rafael, exausto, decidiu caminhar ao longo do riacho e voltar à sua embarcação.



*Fig.87 – Canivete, Ilustração 2, Portugal, 2020. Aquarela. 21x29,7*



Anoitecia e foi então que percebeu que a magia da luz que avistara antes, agora se refletia no riacho que deixara de ser dourado, como sol, e passara a ser prateado, como a lua. Reparou que essa luz acordava as estrelas do riacho. Embora simpáticas, essas estrelas, tinham o péssimo hábito de brincar com os barcos do esquilo Rafael. Faziam um jogo em que o objetivo era ficarem coladas ao barco o máximo de tempo possível. A última a descolar o quinto braço do barco seria a vencedora. Eram dez, as estrelinhas que por ali andavam. O esquilo Rafael resolveu abordar a estrelinha mais nova, durante da competição. Entrou na brincadeira, com a intenção de poder partilhar, com todas as estrelinhas, o momento que tinha acabado de viver. Tinha esperança que estas pudessem ajudá-lo a desvendar aquilo que para ele ainda estava envolto em mistério. Entre gargalhadas e apostas sobre quem aguentaria mais tempo colada ao barco, cada uma atirava o seu palpite:



*Fig.88 – Canivete, Ilustração 3, Portugal, 2020. Aquarela. 21x29,7*

“De certeza que é o Zé e a sua família no seu passeio depois do jantar! Costumam andar sempre com uma lanterna.”

-“Não! Aposto que é a Antónia que voltou a encerar o chão com aquela cera da loja do olival! Tem cá um brilho!”.

E assim continuaram até a Maria soltar o seu quinto e último braço do barco e dar a vitória a Carminho, a sua irmã mais nova.

Já cansado e impaciente por não lhe darem a devida atenção, o esquilo esgueirou-se e regressou à sua raiz, enquanto as estrelinhas continuaram, na sua inocência e ingenuidade a reclamar que a Maria dava sempre a vitória a Carminho.

No dia seguinte, ao nascer do sol, o esquilo Rafael espreitou pela janela da cozinha, que era também a janela da sala, para respirar o ar puro da manhã. O sol, ainda meio envergonhado, parecia que se escondia atrás do maior castanheiro da zona que ainda se encontrava coberto por uma ténue geada proveniente da noite que desaparecera há instantes. Rafael reparara, então, que aquele dia não seria um dia igual aos outros, parecera-lhe que viria a ser um dia especial. Vestiu a sua camisa mais quente e a mais antiga, uma camisa aos quadrados verde tropa e amarelo torrado - sentia mais frio que o normal- e saiu.



Fig.89 – Canivete, Ilustração 4, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7

Ao aproximar-se do riacho, para iniciar mais um dia de trabalho, deparou-se com algo inesperado. O riacho havia congelado e os seus barcos de cortiça, nele, imóveis. Atravessou o riacho e, ao aproximar-se da colónia de formigas, avistou a paisagem que nesse dia se vestira de branco, de um branco manto de neve. Não era comum nevar no Alentejo. Prontamente, perguntou às formigas se não prefeririam ficar na sua casa até que o tempo voltasse a aquecer e os campos recuperassem dos tons brancos e cinzentos, para tons dourados característicos da região. Proposta que as formigas não puderam recusar, pois não se davam bem com aquele frio.

E assim foi! Entre patinhas a deslizar e algumas quedas (não graves) ao atravessar a água congelada, juntos regressaram ao castanheiro.

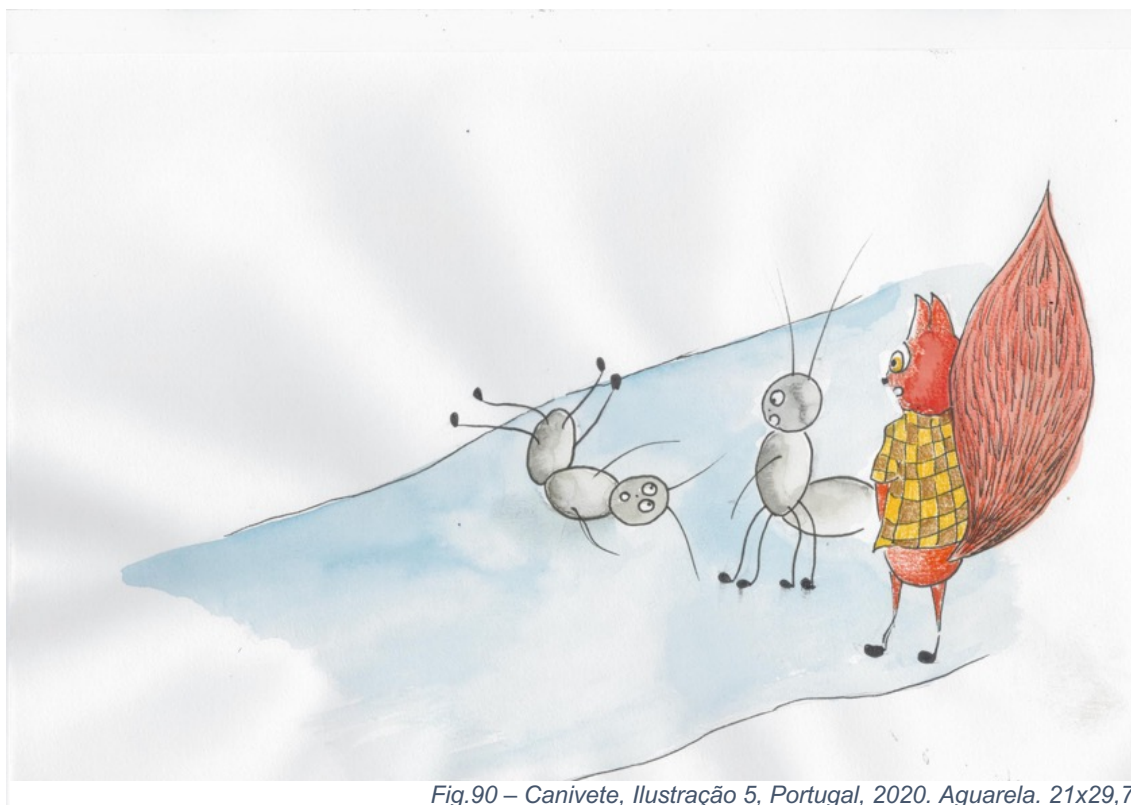


Fig.90 – Canivete, Ilustração 5, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7

O ambiente era acolhedor e a temperatura reconfortante. Esse dia foi passado em frente à lareira, entre histórias, anedotas, risos e brincadeiras. Quando o Tomás, o mais esfomeado da colônia, se lembrou de questionar o grupo quanto à ementa do jantar. As sugestões e os apetites depressa se revelaram.



Fig.91 – Canivete, Ilustração 6, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7

Contudo, foram interrompidos por aquela luz tão brilhante e azul, avistada na noite anterior, pelo esquilo Rafael. Apressaram-se a vestir casacos, gorros, cachecóis, a calçarem botas... e saíram num impulso de curiosidade. Tal não foi o espanto de todos quando olharam para o céu e se aperceberam de que era a aurora boreal, um fenómeno ótico proveniente do impacto de partículas de



vento solar com a atmosfera do nosso planeta Terra. Novamente o Tomás, que para além de esfomeado era também o único que dizia exatamente aquilo que pensava por ser talvez também o mais curioso, questionou se a aurora boreal não seria um fenómeno que só acontece nas regiões polares ...e porque estaria agora, a acontecer no Alentejo? Como seria possível?

O Tomás tinha por hábito fazer algumas perguntas despropositadas e provenientes da ingenuidade dos seus oito anos, mas desta vez ele tinha razão. Como era possível que a aurora boreal surgisse no Alentejo? Foi então que Rafael disse:

“ Tomás, lembras-te de eu andar cansado por subir e descer o riacho, ontem à noite?”

Ao que o Tomás respondeu:

“ Sim, lembro! Mas como é que uma coisa pode estar relacionada com a outra?”

“ Então...eu nessa altura, de tão cansado que estava, desejei muito que acontecesse algo que me inspirasse e se possível, que me deixasse ter um dia



Fig.92 – Canivete, Ilustração 7, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7

de folga. Na verdade, nunca pensei que acontecesse, mas começo a acreditar que se trabalharmos muito e quisermos muito uma coisa, que ela acontece.”

“E quando a magia de uma luz especial nos chamar, devemos segui-la!”- concluiu a mais nova das estrelinhas, mas também a mais sábia.”

### **“Afonso”**

“Afonso era um menino de apenas dez anos. Ele adorava desenhar e a música fascinava-o. O seu sítio preferido era a casa da árvore que o avô materno terminara de construir dias antes de ele nascer. O seu pai responde pelo nome de Rodrigo e sua mãe pelo nome de Carminho. Donos do seu próprio negócio, construção e venda de mobília. Negócio esse, que ocupava bastante tempo das suas vidas. Assim, Afonso quando saía das aulas, ou ficava com o avô a ouvir histórias da sua infância, ou ia para a carpintaria com os seus pais. Um dos momentos mais marcantes, vividos na carpintaria, ocorreu durante a recuperação de uma velha cadeira. Após fazer os trabalhos de casa, ficava a olhar cada pormenor dessa obra. Era uma cadeira velha, já gasta pelo tempo. No entanto, os tons dos detalhes dourados ainda eram visíveis. O pé direito, da parte da frente, sugeria-lhe que um dia aquela cadeira já havia sido verde. O assento talvez tivesse sido creme, mas quem poderá ter certezas? Ela estava mesmo a precisar de um bom restauro.



*Fig.93 – Canivete, Ilustração 8, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7*

Mas voltemos a deter-nos, por enquanto, nos verdadeiros afazeres do protagonista desta história. Na Escola, as disciplinas preferidas do Afonso eram Língua Portuguesa e Educação Visual. Quando a vizinha Mariana lhe perguntava por que é que aquelas eram as suas disciplinas preferidas, o Afonso respondia sempre no mesmo tom convicto e entusiasmado:

“ Estas são as disciplinas onde posso criar o que quiser. Em Educação Visual, posso desenhar e construir o que me apetecer e em Língua Portuguesa posso aprender a escrever as histórias que o meu avô me conta, para que nunca sejam esquecidas”. Naquela altura o Afonso não entendia o sorriso doce que a velhota Mariana lhe lançava. Aquele sorriso despertava-lhe sensações parecidas às que provocavam as longas conversas com o avô António...uma sensação de conforto e segurança.



*Fig.94 – Canivete, Ilustração 9, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7*

Certa tarde, Afonso chegara da escola, seria uma tarde igual às outras, com o lanche preparado pelo seu avô que já o esperava, e com o repertório de histórias preparado, sempre diferentes no enredo, mas com mensagens que só a sabedoria dos seus quase oitenta anos saberia construir... contudo, aquela tarde foi diferente. Enquanto lanchava, o avô aproximou-se com um caderno. Notava-se nitidamente que aquele caderno já teria uma idade próxima da idade do seu avô. Estava amarelecido, pelo tempo. Qual não foi o seu espanto, quando, ao invés de uma história de infância, surge um poema sobre a sua avó:

*“Cabelo castanho,  
Pele clara,  
Olhos intrigantes,  
Meu amor, minha amada...  
As saudades que te tenho,  
A falta que me fazes.  
Sei que estás a salvar vidas  
Mas e do amor que te tenho?  
Tu sabes?*

*Escrevo-te com saudade,  
Escrevo-te com amor,  
Com alguma dor,  
Mas com eterna amizade.*

*O nosso neto Afonso nasceu,  
Ah... como te queria aqui...  
Minha querida Amélia,  
Eu amo-te desde o primeiro dia em que te vi.*



*Do teu amor,  
António “*



*Fig.95 – Canivete, Ilustração 10, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7*

Afonso sempre conhecera o lado criativo e experiente do seu avô, mas poeta? Não podia acreditar -já sabia onde tinha ido buscar o seu jeito para a artes-. Essa tarde foi preenchida por poemas. Aquele caderno parecia não ter fim. Mas o sol já desaparecera e os trabalhos de casa ficaram por fazer. Os pais já tinham terminado o trabalho e estavam a chegar. Chegaram! Escusado será dizer que quer o Afonso, quer o seu avô António, ouviram cabisbaixos, mas com olhar cúmplice as palavras de desagrado dos pais.

No dia seguinte, era dia de sair da escola e ir para a carpintaria. Afonso estava ansioso por ver em que ponto estava a restauração da cadeira. Quando

lá chegou, confirmou as suas suspeitas quanto à cor do assento. Sim, era creme. Enquanto apreciava a cadeira pensava nos poemas do avô e decidiu tentar escrever um poema sobre o que estava a ver. Nessa noite, o avô António, a pedido do Afonso, foi convidado a jantar lá em casa, já com o intuito de lhe ler o poema. Não poderia desperdiçar esta oportunidade:



Fig.96 – Canivete, Ilustração 11, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7

*“Nem muito grande,  
Nem muito pequena,  
Ela é de madeira,  
Está tão estragada,  
Que é uma pena.”*

*Afonso*

O avô manifestamente orgulhoso com a capacidade com que o neto imprimia harmonia ao poema, e com o tal olhar que lhe inundava o coração de ternura, disse:

“Muito bem Afonso! Amanhã deves voltar a olhar para a cadeira com mais atenção e voltar a tentar escrever outro poema. O avô está muito orgulhoso de ti, mas agora tem que ir. Dá cá um beijinho ao avô.”

O Afonso passou a noite a pensar por que razão o avô lhe pedira outro poema sobre a mesma coisa, mas decidiu fazê-lo.

No dia seguinte, após sair da escola e antes de ir lanchar com o avô, passou novamente pela carpintaria para voltar a olhar para a cadeira. Sentou-se e escreveu:



Fig.97 – Canivete, Ilustração 12, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7

*“O meu avô pediu-me que te voltasse a ver.*

*Aqui estou,*

*Estou a olhar para ti,*

*Mas vejo que nada mudou.*

*Tens um assento novo é verdade,*

*Mas continuas estragada,*

*Talvez sejas bonita,*

*Quando fores arranjada*

*Afonso”*

Terminou e foi a correr mostrar ao avô António.

“Muito bem, Afonso! Olha, hoje os teus pais chegam mais tarde. Têm trabalho a fazer, lá na carpintaria e hoje jantamos só os dois. O que te parece?”

Visivelmente entusiasmado com a ideia de beneficiar de companhia do avô por mais uma ou duas horas, Afonso saltou para o pescoço do avô (esquecendo-se de como ele era frágil), beijou-lhe a face enrugada e quis saber o que era o jantar.

“O arroz de bichinhos, de que tu tanto gostas”.

“Oh avô, eu já não sou um bebé! Em vez de *bichinhos* podes dizer que é berbigão, miolo de camarão, enfim...essas coisas”.-respondeu à gargalhada o Afonso, demonstrando a grande satisfação por estar ali.

Durante o jantar, as conversas foram como habitualmente, animadas e divertidas. Mas era chegada a hora de regressar a casa.

O avô António não o deixou sair sem antes lhe lançar um novo desafio:

“Afonso, amanhã o avô gostaria que voltasses a observar a tal cadeira, com atenção. E desta vez pensa na história que pode estar por detrás dela. Se achares que não tem história, podes tu imaginá-la e contá-la nos teus próprios versos.”

O neto não percebia porque tinha que voltar a escrever sobre o mesmo tema e perguntou:

“Avô, mas por que é que tenho que voltar a escrever sobre a cadeira? Já te disse que parece verde com uns pormenores dourados e que tal como eu pensava, o assento é creme!”

“Afonso, um poema serve para tornar as coisas mais belas, por mais estragadas ou velhas que estejam. Aquela cadeira era onde a tua avó Amélia escrevia todos os seus poemas e desabafos de uma enfermeira militar. Era a melhor forma que a avó encontrava para expressar, para contar as suas histórias. Hoje, os teus pais demoraram um mais porque ficaram a restaurá-la. Amanhã, quando voltares à carpintaria, possivelmente já te poderás sentar nela e escrever o teu poema, tal como a avó Amélia fazia, naquela cadeira, naquele



cantinho. Mas lembra-te de que um poema fala sobre sentimentos e pensamentos, transforma a realidade, torna-a mais encantadora.”

Nessa noite, o Afonso demorou mais tempo a adormecer, do que era habitual. As palavras do avô deixaram-no apreensivo.

No dia seguinte, ao final da tarde, já sentado na cadeira restaurada com o seu caderno no colo, escreveu:

*“Querida avó Amélia,  
Sento-me hoje na tua  
cadeira.*

*Desta vez com um  
objetivo definido,  
Escrever um poema sentido.*

*O avô António falou-me de ti,  
Referiu-se a ti como a sua companheira de vida,  
A mulher mais incrível que conhecera  
E a pior partida que já sentira.*

*Sei que ajudavas as pessoas,  
Que o teu trabalho ocupava muito tempo,  
Não sei o que o avô quer dizer com isto,*



Fig.98 – Canivete, Ilustração 13, Portugal, 2020. Aquarela. 21x29,7

*Mas ele dizia que eras tu quem lhe dava alento.*

*Falou-me do teu amor pelo fado,  
Falou-me do teu gosto por poesia,  
Falou-me do teu agrado pela cultura,  
E sabes que mais ele dizia?*

*“A tua avó sempre te quis conhecer,  
Sempre quis brincar contigo,  
O sonho dela era ter um neto,  
Um neto que fosse o seu melhor amigo”*

*Devo então dizer-te,  
Que sempre te quis conhecer.  
Serás sempre a minha avó Amélia,  
Aquela para quem vou sempre escrever.*

*Do teu neto e melhor amigo,  
Afonso”*



*Fig.99 – Canivete, Ilustração 14, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7*

Nesse dia não teve oportunidade de estar com avô. Mas como era sexta-feira entusiasmou-se com o facto de no dia seguinte ter mais tempo para estar com ele e mostrar-lhe a sua “obra de arte”.

Afonso acordou às sete da manhã daquele sábado, apressou-se a correr atrás da carrinha do pão para surpreender os seus pais e avô com um bom pequeno-almoço. Voltou para casa e perto das nove horas foi abrir as janelas do quarto dos pais para que estes acordassem e avisá-los de que iria chamar o avô. Pegou na sua bicicleta vermelha que recebera no Natal anterior e pedalou com toda a rapidez que conseguiu até casa do avô.



*Fig.100 – Canivete, Ilustração 15, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7*

Quando o Afonso e o avô António chegaram a casa já o pai e a mãe estavam sentados à mesa à espera deles. As migalhas de pão nos pratos, que eles tentaram esconder, denunciava-os. Afonso, perspicaz como sempre, fingindo-se zangado:

“ A sério que não conseguiram esperar dez minutos por mim e pelo avô?!?! Vá avô, senta-te por favor. Tenho uma surpresa!”-

E leu, muito concentrado de modo a não trocar as letras e a cumprir com toda a pontuação, o poema que havia escrito na noite anterior. No final, ao tirar os olhos do papel, deparou-se com toda a família com os olhos um bocadinho vermelhos, parecia que tinham algumas lágrimas e perguntou:

“Não gostaram? O que foi? Escrevi alguma coisa mal?”



*Fig.101 – Canivete, Ilustração 16, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7*



A mãe, comovida, não conseguiu responder. O pai consolava a mãe, disfarçando a sua própria comoção. O avô parecia ser o único que para além de lágrimas, esboçava um sorriso. Já mais recomposto, abraçou o neto e ainda com a voz trémula, disse:

“ Oh, meu querido!...não escreveste nada mal, pelo contrário. Tu revelaste uma grande sensibilidade e maturidade no que escreveste.”

“Sensibilidade e maturidade avô??? O que é isso? É mau?”

“Não, Afonso! Com *sensibilidade* quero dizer que tu sentiste o que escreveste e entendeste o que sinto em relação à avó Amélia. Com *maturidade* significa que és um menino com apenas dez anos, mas já muito crescido, que já consegue compreender com muita facilidade o que os adultos dizem e sentem.

“Assim já percebo. Sim, eu gosto muito de todos e percebi o quanto gostavam e gostam da avó. Por isso decidi preparar-vos este pequeno-almoço e ler-vos o meu poema sobre a avó para que todos pudéssemos imaginar que ela ainda está connosco. E se pensarmos muito nela ela permanecerá, para sempre connosco, verdade? Assim, todos sentirão menos saudade. Passas-me a manteiga por favor?”

“Claro que sim, meu neto. Vamos lá a esse pequeno-almoço e aproveitar o dia para restaurarmos a nossa casa da árvore.”

“Boa, avô! Vamos! E obrigada por me ensinares a escrever poemas e me apoiares sempre em tudo. És o melhor avô do mundo!”

E assim se passou a manhã daquele sábado, por entre emoções, recordações e sorrisos.

A casa da árvore foi reconstruída.

E foi aí que, até hoje, Afonso continuou a escrever. Compreendeu, naquele dia, a força da palavra. É através dela que se celebra a vida e perpetua a memória do que se perde.”



Fig.102 – Canivete, Ilustração 17, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7

## “O Hipopótamo Henrique”

“O hipopótamo Henrique sempre sonhou em ser músico. Ele já tem vinte e quatro anos e sempre gostou de música, sempre se interessou por psicologia, mas nunca tirou um curso universitário. A vida não lhe deu essa oportunidade, embora ele sempre se tivesse esforçado.

Todos os cafés e restaurantes eram limpos por ele, as folhas que o Outono espalhou pelas ruas, eram elas também varridas por ele. Todo o dinheiro ganho por esses e tantos outros trabalhos, viria a ser gasto em despesas da sua família, o pai e a mãe, que embora trabalhadores, o dinheiro naquela casa sempre fora contado à conta, sempre fora o suficiente e nada mais que suficiente.

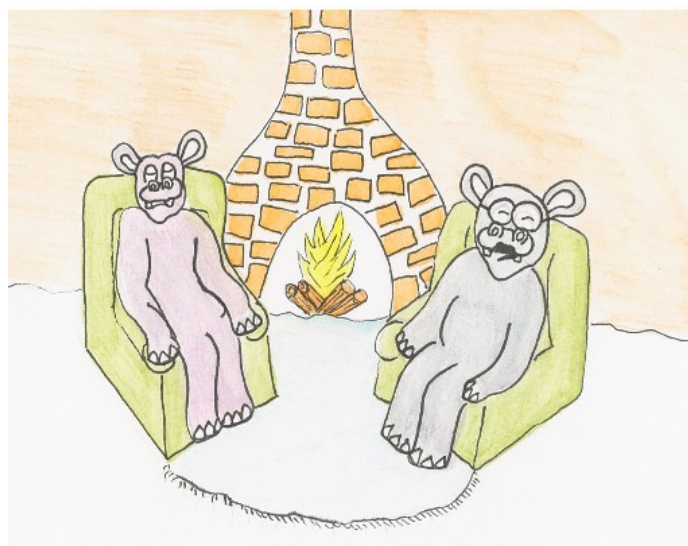


*Fig.103 – Castanho, Ilustração 1, Portugal, 2020. Aquarela. 21x29,7*

Um dia, o patrão do restaurante onde Henrique trabalhara há mais tempo, ofereceu-lhe um bilhete para um concerto de André Rieu, um violinista reconhecido internacionalmente. Henrique sonhara com este dia desde que se lembra. Logo após terminar o trabalho, correu para casa para mostrar aos pais

o seu presente tão adorado. Mas quando chegou os pais não estavam tão bem dispostos como era costume, a preocupação era evidente no olhar de ambos. Então decidiu guardar rapidamente o bilhete e perceber o que se estava a passar.

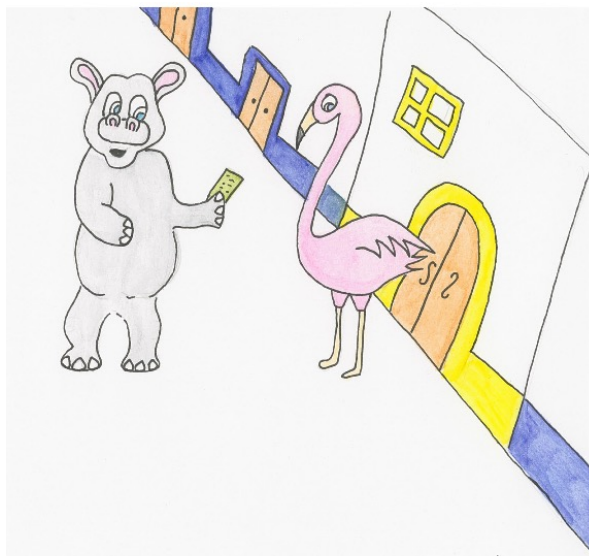
Foi então que os pais lhe explicaram que não tinham mais dinheiro até ao final do mês e que naquele dia terminaram ao almoço a única panela de sopa que lhes restava.



*Fig.104 – Castanho, Ilustração 2, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7*



No dia seguinte, bem cedo, Henrique foi até à praça onde se situava o Conservatório e onde se reuniam os músicos que nele ensinavam e os alunos que nele aprendiam. Henrique sabia que os bilhetes para os concertos de André Rieu eram muito procurados e quando encontrou o seu amigo de infância Rafael, um flamingo que tocava violoncelo, apressou-se a chegar até ele de modo a vender-lhe o bilhete. Explicou-lhe o que se estava a passar e conseguiu fazer com que Rafael pagasse um valor justo e suficiente para suportar as despesas até voltar a receber o ordenado.



*Fig.105 – Castanho, Ilustração 3, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7*

Já mais descansado, foi então para o seu trabalho, apanhou as folhas que caíram ao longo da noite, foi ao café da Isaura fazer a limpeza diária, passou pelo café da Isabel que lhe tinha pedido que fosse arranjar o interruptor da casa de banho e chegou então ao café do António, o seu mais antigo patrão que lhe oferecera o tão desejado presente. Quando terminou as tarefas, o patrão aproximou-se e como é habitual, perguntou-lhe como tinha corrido o trabalho, se os seus pais se encontravam bem e se estava entusiasmado com o concerto. Henrique embora tentasse disfarçar acabou por confessar ao patrão o sucedido. A verdade é que o patrão ficou comovido com a situação, mas nada podia fazer quanto à mesma a não ser dar-lhe algumas palavras de apoio e coragem.



Fig.106 – Castanho, Ilustração 4, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7

O dia de trabalho terminou e Henrique aproveitou para ir à mercearia da dona Joana comprar alguns alimentos com parte do dinheiro do bilhete que vendera esta manhã, o restante dinheiro viria a ser necessário para as despesas da casa, como a água, a luz e o gás. Assim foi, Henrique fez as compras e foi para casa. A vida dele foi assim ao longo de largos meses.

Um dia, no final das compras na loja da dona Joana, Henrique deparou-se com a abertura duma nova loja do outro lado da rua, uma loja de instrumentos musicais. Decidiu ir espreitar! Eram tantos instrumentos...mas havia um que o fascinava particularmente, a flauta transversal. Henrique nunca tinha tido a possibilidade de ver o seu instrumento preferido de tão perto, então encheu-se de coragem e pediu ao dono da loja, um senhor já com os seus sessenta e cinco anos, se poderia tocar numa flauta transversal sendo que jamais a poderia comprar. Ao que o senhor Alberto, o dono da loja, respondeu assim:

“Olá meu menino, sabias que és o meu primeiro cliente? Acabei de abrir a loja e estava aqui a escrever este anúncio para ver se arranjo alguém que me ajude nas arrumações e limpezas da loja.”

Os olhos de Henrique brilharam como apenas haviam brilhado uma única vez, no seu quinto aniversário ao receber a bicicleta que tanto desejara e a qual utiliza ainda hoje.

“Olá, o meu nome é Henrique, eu faço limpezas em todos os cafés e lojas daqui e dos arredores. Troco lâmpadas, varro folhas do chão e tenho algum jeito para a carpintaria, faço de tudo um pouco e confesso que preciso do dinheiro, por isso se o senhor concordar eu posso ser esse alguém que o ajuda e assim fico mais perto da música e dos instrumentos que tanto me inspiram!”

O senhor Alberto não percebeu mais de metade do que o Henrique dissera que fazia, a audição desgastara-se com a idade e o jovem que se encontrava perante ele falava muito rápido, mas só pelo brilho e entusiasmo nos olhos de Henrique o senhor Alberto contratou-o.



Fig.107 – Castanho, Ilustração 5, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7

Assim foi, os dias iam passando, Henrique continuava a trabalhar no café da Isaura, no café da Isabel, no café do António e agora, na loja do senhor Alberto. Todos os dias chegava e apreciava a sua tão desejada flauta. O dono da loja, sábio e experiente, todos os dias reparava no Henrique fascinado com tão bela flauta. Certo dia, convidou o jovem a pegar na flauta e a tentar tirar alguma melodia com a mesma, Henrique assim fez e até conseguiu algumas notas. Com o entusiasmo, nos dias seguintes passava pela biblioteca local onde aproveitava cerca de uma hora para ler tudo o que houvesse sobre música e flautas transversais.



*Fig.108 – Castanho, Ilustração 6, Portugal, 2020. Aquarela. 21x29,7*

Passados cinco meses, Henrique já sabia o nome das notas musicais, e já tocava algumas músicas inventadas por ele, pois das grandes músicas e das mais reconhecidas, ele não tinha acesso às partituras, então procurava apenas perceber o mecanismo do seu instrumento preferido e procurava explorar os diferentes sons que este emitia.

No primeiro dia do sexto mês de trabalho naquela loja e no dia do vigésimo quinto aniversário de Henrique, o Senhor Alberto decidiu presentear-lo com a tão adorada flauta que servira de sua amiga e professora ao longo daqueles meses. Escusado será descrever a reação de Henrique, imagina receberes o presente que mais desejas desde que te lembras, o presente pelo qual os teus olhos brilham e o teu coração palpita só de ouvir falar nele.





Fig.109 – Castanho, Ilustração 7, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7

Ao longo daquele sexto mês, já com a sua própria flauta, Henrique evoluiu muito, procurou partituras junto de alguns dos seus amigos que frequentavam o conservatório, procurou junto dos mesmos aprender a ler uma partitura e como interpretá-la com o seu instrumento. Todos os dias todos os seus tempos livres serviram para treinar, estudar, aprender, fazer música. Henrique estava a evoluir a olhos vistos, ambicionava ser músico, pertencer a uma orquestra, participar em concertos, respirar música! Mas a vida real não era assim, tinha que continuar nas suas limpezas e arranjos.

Assim foi até ao décimo mês de trabalho na loja do senhor Alberto, pois foi no dia dez desse mesmo mês que quando a loja estava prestes a fechar e Henrique tocava enquanto o dono fazia as contas do final do dia, que entra o grande André Rieu. Nem o senhor Alberto nem Henrique se aperceberam de que entrara alguém, André percorreu toda a loja, embora esta não fosse muito grande, até chegar perto de Henrique que parecia flutuar junto com a sua flauta.

Henrique começa a ouvir um violino a acompanhá-lo. O seu coração acelera. Ou congela. Ele não sabe bem descrever. Mas sabe que parou de tocar e que quando olhou por cima do seu ombro esquerdo, avistara André Rieu com

o seu violino e algo que por detrás dele parecia ser a silhueta de senhor Alberto, pelo menos a mancha que parecia ser um bigode assim o fez pensar. O famoso violinista revelou-se agradado com tão puro talento, apressou-se a convidá-lo a participar num dos ensaios da sua orquestra, seria dali a duas semanas. Comprou as cordas para o violino e foi.



*Fig.110 – Castanho, Ilustração 8, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7*

Henrique leu livros, revistas, jornais, partituras...tudo aquilo que lhe pareceu alimentar o seu talento e sabedoria relativamente ao mundo da música. Os seus dedos na vassoura enquanto varria faziam da mesma uma flauta, o seu corpo e a sua alma andavam a um ritmo alucinante ao ritmo das mais belas obras do seu grande ídolo que tanto ansiava por tornar a ver. Foram duas semanas repletas de trabalho, aprendizagem e conhecimento.

Chegou o dia. O grande dia. Henrique apanhou o comboio das cinco horas da manhã acompanhado da sua flauta, da melhor gravata que tinha e de algum dinheiro que bem contado mal chegaria para a viagem de regresso. A viagem foi de três horas e de três horas foram também as músicas tocadas por Henrique, não podia parar de tocar, era a grande oportunidade da vida dele.

Chegou, chegou ao maior pavilhão que alguma vez avistara. O palco encontrava-se coberto por estantes, partituras, instrumentos musicais e até um piano de cauda. Tudo parecia um sonho, mas para confirmar que não o era, surge então André Rieu com o seu ar bem-disposto e que em tom de brincadeira o questionou se se tinha preparado para mostrar o que sabe.

O ensaio começou e Henrique respondeu à pergunta do grande músico apenas com o seu desempenho. Figurativamente, Henrique em nada se equiparava aos restantes membros da orquestra. Musicalmente, Henrique traria um requinte inigualável à mesma. Todos pararam quando o ouviram. A verdade é que era só mais uma flauta transversal no meio de tantas outras, mas a doçura, a leveza e a postura de Henrique ao tocar, levariam qualquer orquestra no mundo a parar e apreciar. Ele não tocava porque era o trabalho dele, porque se sentia na obrigação de tocar. Ele tocava por necessidade, porque lhe acalmava a alma, porque o fascinava todo aquele mundo.



*Fig.111 – Castanho, Ilustração 9, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7*

Terminado o ensaio, Henrique preparava-se para agradecer a André Rieu pelo convite, que tinha sido um sonho tornado realidade, mas que teria que regressar, pois o dia seguinte seria de muito trabalho visto ter faltado este dia. Contudo, o violinista surpreende-o com uma oferta de trabalho, uma oferta

irrecusável, acompanhá-lo a ele e à sua orquestra pelo mundo fora daqui a uns meses, fazer até um duo com o seu próprio ídolo. Henrique claro que agradeceu e aceitou, era o sonho da vida dele, era tudo o que ele queria e pelo que sempre ambicionou.

Voltou para casa, chegou já ao final do dia e contou aos seus pais com receio de que estes não compreendessem e preferissem que ele ficasse por perto para ajudar com a casa e as despesas. Mas os pais abraçaram-no e incentivaram-no a ir.

No dia seguinte, Henrique falou com todos os seus patrões, agradeceu por tudo, mas que dentro de meses teria que partir junto com a grande orquestra de André Rieu e se seria possível continuar a trabalhar com eles até lá, pois o dinheiro fazia falta para as despesas iniciais desta aventura e parte dele para deixar aos pais. Todos ficaram felizes por Henrique e todos concordaram que ele ficaria a trabalhar ao longo daqueles meses.

Assim foi, três meses de muito trabalho e estudo se passaram e o dia de partir em busca do seu sonho chegou. Henrique estava confiante do que queria, mas custava-lhe deixar os seus pais, embora soubesse que ia voltar e que iam trocando postais e que financeiramente os iria sempre ajudar. Ao despedir-se dos seus pais não deixou nada por lhes dizer, terminou ao agradecer-lhes e dar lhes todo o dinheiro que tinha juntado após retirar uma pequena parte para si próprio.



Emocionados os pais despediram-se dele lembrando-o de que com trabalho, esforço, dedicação e perseverança tudo é possível. Com esses ingredientes os sonhos tornam-se realidade.”

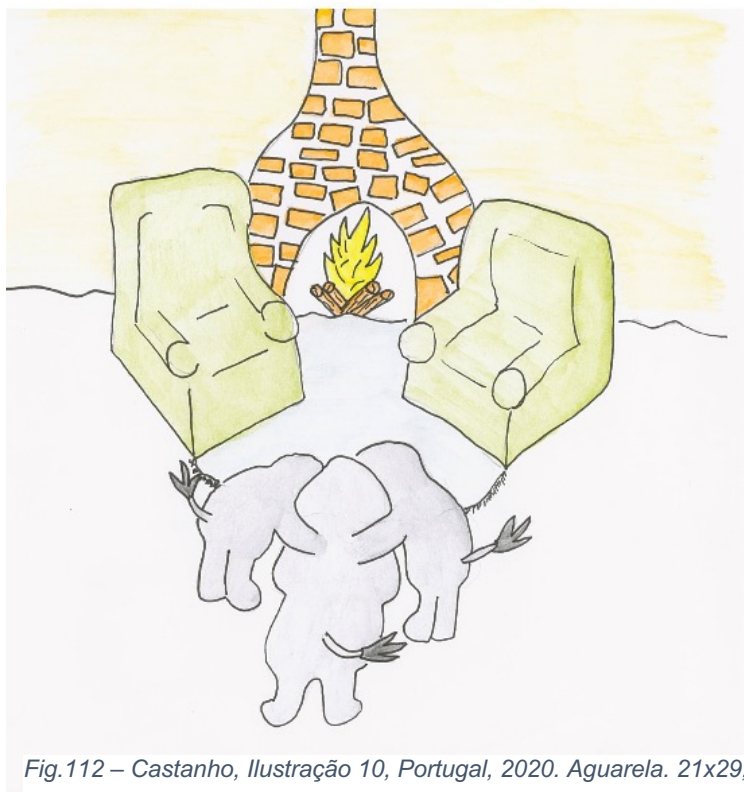


Fig.112 – Castanho, Ilustração 10, Portugal, 2020. Aguarela. 21x29,7